

Recensões

FLICK, M. — ALSZEGHY, Z.: **Antropologia Teológica**, tradução do manuscrito original italiano de A. Ortiz, (Coleção "Lux Mundi" — 21), pp. 622, 21,5 x 13,5 cm. Ediciones Sigueme, Salamanca (Espanha) 1970.

Flick e Alszeghy, beneméritos professores da Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, oferecem ao público mais um livro de reflexão teológica, desta vez centrado sobre o homem.

É antiquíssimo o problema sobre "o que é o homem", "qual o sentido de sua existência". Muitas ciências, principalmente os diversos tipos de *Antropologias* procuram dar uma resposta justa. A teologia ao refletir sobre o homem caracteriza-se por ser uma "tentativa reflexa do homem por alcançar a compreensão de si mediante a revelação" (n.º 4), ou por "estudar a realidade humana total à luz da autocomunicação livre e irrepetível de Deus, feita em Cristo Jesus" (n.º 955). É o motivo de a presente obra ser uma "*Antropologia Teológica*". A antropologia teológica não confirma simplesmente as conclusões de outras antropologias com "as palavras de Deus, mas deve brotar desta palavra e desenvolver-se segundo sua orientação intrínseca" (n.º 2), há de ser expressa em categorias compreensíveis aos homens de hoje e há de tomar em conta os seus problemas e responder-lhes à luz da revelação (cf. n.º 2).

Uma vez que "a antropologia teológica considera toda mensagem cristã sob o ponto de vista da pessoa humana, à qual Deus se comunica", o que implicaria o tratamento de toda teologia sistemática, os autores delimitaram o conteúdo de seu livro ao que denominam de "*Fundamentos*" (cf. n.º 11). A exclusão desta síntese de dados fundamentais de uma antropologia teológica, como o das virtudes e da escatologia, os autores a explicam pelo contexto da "síntese" sistemática da Gregoriana, na qual se in-

sere a presente Antropologia (cf. n.º 12). Sendo importante a concepção dos autores sobre "teologia" e "antropologia teológica", como de sua interrelação (cf. n.º 2-4), creio que o tradutor deveria ter mantido o título da obra original: "*Fundamentos de uma Antropologia Teológica*".

Os autores, baseados em S. Paulo (1 Cor 15, 45-49; Rom 5, 12-21) e inspiradas na perspectiva da história da salvação, dividem sua obra em duas grandes partes ou livros: "O homem sob o signo de Adão" e o "O homem sob o signo de Cristo".

No 1.º "livro" abordam "os elementos mais fundamentais desta realidade" (n.º 13): I "o homem criatura de Deus" (no Antigo Testamento, no Novo Testamento e o fim a que tende a criação); II "O homem imagem de Deus", isto é, a "perfeição específica da criatura humana" (n.º 13), (os temas abordados são os seguintes: "o tema da imagem", "a historicidade do homem", o homem como "sujeito incarnado", "sujeito social", "origem da vida humana", "termo da vida humana"); III "O homem alienado pelo pecado" (a divisão experimentada pelo homem, "a causa da divisão", "a divisão do homem como pecado").

No 2.º "livro" estuda-se a união com Deus, obtida pela inserção em Cristo. Após o capítulo introdutório "a união com Cristo, fonte de salvação", que praticamente resume todo segundo livro, aprofundam-se os seguintes pontos: I a união com Cristo: "Em Cristo" (a paz e amizade com Deus, a presença da Trindade no justo, a filiação divina, a restituição da semelhança com Deus); II o acesso a esta união: "Por Cristo" ("a ação da

graça na justificação", "a cooperação humana na justificação", "relação entre a graça e a livre conversão do homem"); e finalmente o caminho para a plenitude desta união: "Para Cristo" ("o crescimento da vida em Cristo", "a fragilidade da vida em Cristo", "a dimensão cósmica da vida em Cristo").

Como conclusão geral de toda obra os autores apresentam a unidade do plano salvífico divino na existência humana, isto é, a auto-comunicação divina ao homem, sua gratuidade e inserção na realidade humana: "O mistério do sobrenatural".

O conteúdo destes "fundamentos de uma antropologia teológica" é amplo e rico, como se pode ver a partir da simples enumeração dos capítulos e muito mais a partir do seu estudo. O tratamento dos diversos temas mostra que os autores estão ao par das pesquisas que se fazem em relação a eles, como também manifesta o critério seguro com que os abordam.

No tempo pósconciliar agrada o aproveitamento feito na obra da mensagem do Vaticano II e a contínua indicação de "temas de estudo" sobre a mesma.

No 2.º livro sobressai o enfoque personalista-dialogal dado à graça e a síntese harmoniosa, dada à dialética da "graça criada" e "graça criadora", a partir e em vista da "amizade" de Deus Trino ao homem.

Os autores na introdução, nos diversos capítulos e na conclusão insistem, e com razão, na unidade do plano salvífico divino, da história da salvação, do sentido da existência humana, na gratuidade da autocomunicação divina aos homens, na inserção e não superposição desta autocomunicação na realidade humana. Apesar desta insistência, acenos e referências constantes pode-se ter certa impressão de uma "dicotomia" e "abstração". Refiro-me, por exemplo, ao capítulo 3.º: "O homem criado para a glória de Deus, segundo a reflexão cristã". Este capítulo além de estudar "a liberdade da criação", e o "exemplarismo da criação", es-

tuda "a finalidade da criação". Os autores na introdução a este capítulo ressaltam a importância de reflexões sobre o "fim a que tende a criação" cf. n.º 77). Devido a esta importância e a unidade do plano salvífico não compreendo porque se limitam a tratar o problema da glória de Deus e do fim da criação de uma forma geral e por assim dizer formal.

Não há dúvida que o modo como apresentam o problema e via de solução que apresentam são importantes para a sua correta inteligência. Mas esperar-se-ia que neste capítulo o fim, o sentido da criação e do homem, e a glória de Deus, fossem estudadas na concretividade e especialidade da ordem atual. Não há dúvida que este tema aparece ao ser tratado a historicidade, a temporalidade do homem, a criação em Cristo, como também na própria conclusão do livro. O assunto, entretanto, devido a sua importância mereceria, em sua concretividade, um capítulo à parte.

A introdução à VI Parte: "Para Cristo" é muito boa. Mostra-nos a historicidade da união do homem a Cristo, seu encaminhar-se historicamente para a plenitude desta união. Os capítulos ampliam o "crescimento", a "fragilidade" e a "dimensão cósmica da vida em Cristo".

Num primeiro momento tem-se a impressão que esta "dimensão cósmica da vida em Cristo" está fora do lugar. Parece que esta dimensão deveria ter sido abordada na II parte, juntamente com o homem "sujeito encarnado", "sujeito social", pois a relação do homem com o cosmos é uma dimensão do "homem em Adão". E contudo creio que realmente este capítulo é o que está no seu lugar, porque nos mostra como a relação do homem ao cosmos é integrada na vocação integral histórico-cristológica do homem. Os capítulos que tratam do homem "sujeito encarnado" e "sujeito social" deveriam ter sido elaborados nesta mesma interrelação. O capítulo: o homem "sujeito encarnado", praticamente se reduz a estudar o homem em sua unida-

de bidimensional. Que relação tem esta realidade com a união a Cristo? com o viver a união a Cristo? Isto é, falta o relacionar explicitamente a realidade do homem, como "sujeito encarnado", à unidade do plano salvífico, à autocomunicação de Deus Trino ao homem. Se os dois capítulos mencionados fossem abordados de uma forma semelhante ao da "dimensão cósmica da vida em Cristo", então o "crescimento da vida em Cristo", abordado no capítulo 19, não se restringiria a tratar as "boas obras" e o "mérito" (muito bem apresentados, embora de maneira formal) mas abarcaria o viver a união a Cristo numa existência de "sujeito encarnado, social e cósmico". Desta forma se poderia evitar a "impressão" de uma certa dicotomia a que me referi acima.

Na I parte, que estuda a criaturidade do homem, esperar-se-ia um estudo específico da criaturidade do *homem* e não de todas as coisas.

A obra caracteriza-se pelas perspectivas com que os autores abordam o todo e as partes: a histórica, cristológica, dialogal e comunitária da existência humana. Muito bíblica é a importância que os autores dão ao homem como imagem de Deus; esta categoria retorna ao longo de todo o livro, sempre iluminada com novas perspectivas.

O livro não deseja ser (cf. n.º 14) e não é um "compêndio", que substitua o estudo das fontes, as reflexões pessoais e apresente simplesmente as conclusões de investigações. "Nosso trabalho, escrevem os autores, é antes um *vademecum* para o estudo pessoal, um *guia* para encontrar o acesso às fontes e para poder prosseguir depois a in-

vestigação teológica, no sentido das orientações contidas em *Optatum Totius* n.º 17" (n.º 14). Desta forma está indicada mais uma das grandes características do livro. Ele realmente orienta os leitores para o estudo particular. Flick e Alszeqhy, ao dar o conteúdo, introduzem os leitores não iniciados na metodologia de estudo, pesquisa e reflexão teológica. Para isto concorrem: as introduções gerais, as introduções a cada parte e aos capítulos, que situam com brevidade e precisão o capítulo; o próprio modo de abordar os temas e sua evolução ao longo da história; a indicação freqüente e bem determinada de "temas de estudo", na linha de pesquisa ou de reflexão, no campo bíblico, patristico, no de pensadores da idade média, moderna ou contemporânea, nos documentos do magistério, o que permite ao leitor o iniciar-se ou aprofundar-se nos mais diversos campos da reflexão teológica e a tomar contato com as obras básicas e pensadores mais importantes no campo da teologia; finalmente a apresentação de abundante, selecionada e atualizada bibliografia em cada capítulo.

Merece destaque o esforço do tradutor em ter colocado na bibliografia e nos "temas de estudo" a bibliografia existente em tradução espanhola de obras indicadas pelos autores no original ou tradução italiana.

Os que desejam conhecer e aprofundar os fundamentos da mensagem cristã sobre o homem encontrarão no livro de Flick e Alszeqhy uma boa e segura síntese, orientada para um estudo pessoal.

P. Claudio Luiz Bins, SJ

DONDEYNE, Albert — FRIES, Heinrich e outros: **Ateísmo e secularização**, tradução do original italiano por João Paixão Netto, (Coleção "Novas Fronteiras" — 3), pp. 108; 21,5 x 13,5 cm, Edições Paulinas, Caxias do Sul, 1970.

Durante a sessão européia do "Secretariado para os não-crentes", realizada de 10-12 de setembro de 1968 em Viena, abordou-se

o assunto "Ateísmo e Secularização". O presente livro nos apresenta cinco conferências proferidas nesta sessão, como também: a in-

trodução do Cardeal **FRANÇOIS MARTY**, com considerações gerais sobre "o fato da secularização" e "a fé e dessacralização"; a comunicação de **VICENSO MIANO** sobre "as tarefas do secretariado em um mundo secularizado" e a conclusão do Cardeal **FRANZISKUS KOENIG** que, resumindo os estudos do Congresso, indica algumas linhas pastorais.

RENÉ MARLÉ em "panorama histórico", pondo em relevo as raízes históricas da secularização em sua relação ao ateísmo, que remontariam ao século XIII e XVI, estuda esta relação em autores dos últimos anos: K. Barth, F. Gogarten, D. Bonhoeffer, H. Cox e principais teólogos da "morte de Deus".

ANTONIO GRUMELLI aborda a "dimensão sociológica" do fenômeno. Mostra como o fenômeno da secularização, tanto lingüisticamente, como em sua realidade social é complexo. Julga que sociologicamente ele radica tanto no pluralismo ideológico como no pragmatismo da evolução industrial. A seguir analisa a relação do ateísmo com as mudanças sócio-culturais, com a secularização e a religiosidade, para chegar aos fundamentos bíblicos da secularização e do "ateísmo" (no sentido de destruição de divindades falsas) e apontar os efeitos positivos e negativos de todo este processo.

ALBERT DONDEYNE indica as "perspectivas filosóficas" do problema. Tendo apresentado em rápidas e precisas linhas a imagem e o valor que a filosofia moderna tem e dá ao homem, o autor se pergunta porque a valorização do homem, de sua historicidade e responsabilidade, a uns conduz ao ateísmo e a outros ao teísmo. Ao responder, o autor põe a descoberto os valores humanos afirmados pelos ateístas, como estas valorizações ajudam aos teístas a purificar a sua idéia de Deus e como estes valores implicam a abertura para o Deus verdadeiro. Indica a seguir qual seja o caminho, a seu ver, para descobrir ao homem de hoje os

vestígios de Deus. Finalmente dá algumas orientações para a purificação da imagem de Deus e para evitar os excessos que se podem realizar nesta purificação.

KARL RAHNER tece "considerações teológicas" em torno ao ateísmo proveniente da secularização. Constata inicialmente a diversidade das formas de ateísmo hoje existente, das quais uma é a proveniente da secularização. Desta constatação segue-se, na teoria e na prática, a necessidade de abordá-los de maneiras diversas. Tendo em vista o ateísmo surgido num mundo secularizado, de mentalidade pragmática e positiva, Rahner mostra como a afirmação, de que é impossível levar uma vida humana digna sem o reconhecimento explícito de Deus, não só é falso, como também inclui o perigo de reduzir Deus a uma função, a um meio para o homem ser homem. Julga que no mundo atual o teísmo não tem mais chances do que o cristianismo. Propõe para discussão a hipótese de que o teísmo e o cristianismo estão reservados para uma minoria (sabe-se como esta hipótese, por razões teológicas, não é admitida por outros teólogos). No último parágrafo Rahner propõe como se poderia falar de Deus a ateus de origem secularizante: trata-se não de apresentar provas da existência de Deus mas de os introduzir numa originária experiência de Deus. Diversas vezes, na conferência (cf. p. 71-73), encontra-se *ateísmo* quando devia estar *teísmo*. A diferença é grande!

HEIRICH FRIES reflete sobre "o mundo secularizado (como) desafio à fé". A resposta a este desafio não pode ser o fechamento a este mundo, nem a condenação simplista, por considerá-lo como a realização extrema do "não" a Deus, nem o da identificação pura e simples do mundo secularizado com a fé, pois seria esvaziar a esta. A resposta e a atitude verdadeira só pode ser a de valorizar, a partir da revelação, os elementos positivos da secularização, rejeitar a absolutização do secularismo, e apreender

a viver a fé (purificada) em Deus Trino, criador e salvador, neste mundo secularizado.

Os cinco relatórios introduzem bem ao leitor na aguda problemá-

tica hodierna da secularização em sua relação ao ateísmo. Ajudam a refletir sobre o assunto e a aceitar o mundo secularizado como desafio à fé.

P. Cláudio Luiz Bins, SJ

SCHILLEBEECKX, Edward: *La misión de la Iglesia*, tradução sobre a versão francesa por Alfonso Ortiz García (Col. Verdad e Imagen — 20), pp. 528; 19 x 12 cm, Ediciones Sígueme, Salamanca (Espanha) 1971.

A presente obra continua a publicação dos artigos do dominicano belga Edward Schillebeeckx. Quase todos eles foram publicados no período conciliar e pós-conciliar, período em que a secularização e a teologia da morte de Deus eram assunto de reflexão. Espelham, conseqüentemente, a problemática suscitada pelo Concílio e pelos "sinais dos tempos" em torno do mistério da Igreja, dos leigos, dos religiosos e dos sacerdotes.

Os quatro artigos referentes ao mistério da Igreja, publicados originariamente entre 1965-1967, estudam alguns pontos da problemática em torno ao povo de Deus. Os dois primeiros aprofundam a contínua necessidade da reforma da Igreja unida à sua indefectibilidade, prometida por Cristo. O terceiro artigo aborda o sentido da Igreja, "sacramento do mundo", no plano salvífico divino, que abarca o mundo inteiro. Pode-se desta forma detectar a concepção da Igreja e de sua missão no mundo. O quarto artigo desta série apresenta a primeira parte da constituição conciliar *Gaudium et Spes*: "A igreja e a vocação do homem" (n.º 11-45). O autor deseja pôr a claro a visão teológica contida nesta primeira parte da constituição, para depois refletir sobre a relação entre as "esperanças terrenas" e as "esperanças cristãs".

Os diversos artigos (seis) sobre o leigo cristão e sua missão na comunidade eclesial e humana mostram a evolução do autor, neste assunto, durante quase vinte anos (1949-1967). Esta parte do livro não deseja apresentar uma teologia completa sobre o leigo, mas repre-

senta um esforço de compreensão teológica do leigo. Os artigos manifestam como esta compreensão depende da concepção de "Igreja", de sua constituição interna e de sua relação e missão no mundo. O autor, embora modifique através de seus artigos alguns de seus pontos de vista sobre o leigo e sua missão, mantém uma linha unitária de evolução no pensamento e não confunde, nem separa, mas integra, numa unidade harmoniosa, os diversos elementos constitutivos da vocação e missão do leigo no mundo. Os rápidos acenos históricos permitem ao leitor uma compreensão mais profunda do problema.

Os artigos referentes à "vida religiosa" (quatro), publicados de 1961-1967, de alguma forma sempre correlacionados à vocação cristã, revelam a profunda compreensão do teólogo pelo problema da vida religiosa, vivido principalmente pelos religiosos jovens: seus anseios, seus ideais, seus valores como também seus limites, tudo isto vivido em meio ao mundo, à Igreja e à vida religiosa em evolução e em processo de secularização. Com toda esta abertura e compreensão Schillebeeckx manifesta-se conhecedor de uma séria teologia da "vocação cristã" e da "vida religiosa". A vida religiosa, necessitada de profundas transformações, sem deixar de ser aberta à problemática do mundo atual, há de estar sempre orientada radicalmente para a "busca de Deus".

Os dois artigos da quarta parte, datados de 1962 e 1964, abordando alguns aspectos dos ministérios da Igreja, focalizam a interrelação e

cooperação entre hierarquia, sacerdotes, religiosos e leigos.

Na última parte, um artigo de 1968 desmembrado em dois, Schillebeeckx estuda o difícil problema do ministério sacerdotal. Situa o problema dentro do mistério da Igreja, e este em sua relação à cultura atual. Só então mostra a necessidade de reestruturar o ministério sacerdotal. No segundo artigo "sentido e validade do ministério eclesial" faz uma reflexão bíblico-teológica sobre o ministério eclesial.

Os estudos de Schillebeeckx, contidos no presente volume, caracterizam-se pelo vigor teológico de suas reflexões, pela seriedade de suas afirmações, pela fidelidade às linhas mestras da revelação e pela amplidão de seus horizontes, não só no sentido de abertura aos problemas de hoje e às perspectivas do futuro, como também no sentido da interrelação de um tema particular com os temas centrais da teologia.

P. Claudio Luiz Bins, SJ

ALFARO, João: Teologia do progresso humano, tradução do original espanhol por Atílio Cancian, (Coleção "Novas Fronteiras" — 4), pp. 114; 20,5 x 13 cm, Edições Paulinas, Caxias do Sul, 1970.

Na época de desenvolvimento e progresso, industrial, econômico, técnico, espacial, em que nos encontramos, o título do presente livro e seu pequeno porte poderiam suscitar a idéia de que se tratasse de mais algumas reflexões superficiais sobre um tema que está em moda. A leitura do livro, entretanto, e o conhecimento do próprio autor, Juan Alfaro, renomado teólogo espanhol, colaborador de importantes dicionários teológicos e professor da Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, nos convencem do contrário.

Temos, realmente, em mão uma síntese de antropologia teológica, focalizada sob o prisma do progresso humano, entendido no sentido amplo da "Populorum Progressio". O autor estuda com brevidade, precisão e profundidade o homem em sua pluridimensionalidade: em sua dimensão corpóreo-espiritual, em suas relações aos outros homens, ao cosmos, a Cristo, no Espírito Santo, ao Pai. Passo a passo o leitor é levado à compreensão do homem na correlação e interpenetração destas diversas dimensões, consideradas, não de forma estática, mas dinâmica e histórica. Estamos frente a uma obra realmente teológica do progresso humano. O autor considera este progresso a par-

tir dos fundamentos bíblicos, dos ensinamentos do magistério (Vaticano II), vai a suas raízes últimas, isto é: a Cristo, Deus e homem verdadeiro, a sua encarnação-morte-ressurreição-glorificação, e à própria Trindade, para indicar o sentido histórico, escatológico e cristológico do progresso humano: do homem, da comunidade humana e do cosmos. Outra característica saliente da obra, própria de toda verdadeira reflexão teológica, é o esforço por estabelecer a interrelação das mencionadas dimensões, realidades e mistérios e procurar sua unificação e centralização em Cristo Glorioso.

O esquema seguido pelo autor nos capítulos é simples: I "Subsídios bíblicos e doutrina do concílio Vaticano II"; II "Reflexão antropológica"; III "Fundamentos cristológicos do progresso humano"; IV "Visão cristã do progresso humano".

Estamos diante de uma síntese vigorosa, que não deveria passar despercebida aos estudiosos de teologia e aos que desejam conhecer traços centrais da antropologia cristã. Ela serve tanto como ponto de partida para o estudo teológico do homem, como recapitulação sucinta após uma análise prolongada.

P. Claudio Luiz Bins, SJ

RAHNER, Karl e outros: Sacramentum Mundi. Enciclopédia Teológica. Tomo Primero. Absolución — Cooperación, tradução espanhola sobre o original alemão, dirigida por Juan Alfaro e José M. Fondevila, 988 colunas, 25 x 17 cm, Editorial Herder, Barcelona (Espanha), 1972.

A Editora Herder de Barcelona (Espanha) acaba de apresentar ao público o volume I de uma enciclopédia teológica, planejada em 6 volumes. É tradução do original alemão, publicado em 4 volumes em 1969. Esta obra foi dirigida por um grupo de renomados teólogos da Europa e da América: K. Rahner (Münster), J. Alfaro (Roma), A. Bellini (Bérgamo), C. Colombo (Milão), H. Crouzel (Toulouse), J. Daniélou (Paris), A. Darlap (Munique), C. Ernst (Oxford), P. Schoonenberg (Nimega), K. Smyth (Paris), J. Fondevila (Barcelona), P. Fransen (Lovaina), F. Kerr (Oxford), G. Weigel (Woodstock). Entre os colaboradores constam nomes de diversas partes do mundo reconhecidos pela seriedade de seus trabalhos como: G. Alberigo, R. Aubert, H. Bouillard, H. M. Baumgartner, J. Y. Calvez, M. D. Chenu, A. Feuillet, H. Fries, B. Häring, H. Küng, J. J. León-Dufour, J. B. Metz, M. Müller, J. Ratzinger, J. Salaverri, M. Schmaus, R. Schnackenburg, G. Wetter e outros. Também encontramos dois nomes brasileiros: Estevão Betten-court e Boaventura Kloppenburg.

Esta obra tem como objetivo reunir os principais conceitos de cada disciplina teológica para prestar um serviço à ação pastoral, atendendo às atuais exigências da investigação crítica. Neste sentido lemos no prólogo da edição espanhola: "Quer oferecer aos homens espiritualmente abertos de nossos dias (clérigos e leigos) uma suma alfabeticamente ordenada do saber teológico, onde o leitor possa encontrar com facilidade o necessário para a reflexão sobre sua fé pessoal e a tarefa pastoral". É uma suma "católica" também no sentido de representar as muitas escolas e orientações teológicas mais sérias de nosso tempo. Não é suma no sentido em que na Idade Média Tomás de Aquino escreveu suas sumas.

Sacramentum Mundi, que leva o mesmo nome do original alemão, atende, antes de tudo, ao conteúdo teológico. Procura, no entanto, relacionar a teologia com outras ciências, com a história e a situação atual. A edição espanhola apresenta pequenas modificações valiosas também para o leitor brasileiro. Elimina dados que interessam apenas aos alemães e incluiu outros interessantes para o leitor espanhol ou iberoamericano. A bibliografia foi atualizada, incluindo traduções e originais espanhóis.

Muitos artigos foram tomados de outra enciclopédia alemã de teologia "Lexikon für Theologie und Kirche", em dez volumes, publicados pela Herder de Freiburg na Bresgóvia, 1957ss. Claro, foram atualizados e desenvolvidos.

O primeiro volume, que aqui apresentamos, contém temas fundamentais ordenados alfabeticamente em forma de artigos desde "Absolutismo" até cooperação". Vejamos um exemplo como apresenta os temas centrais como o batismo. O artigo sobre o batismo é apresentado em duas grandes partes: A) Batismo sacramental (col. 499 — 519); B) Batismo de desejo (col. 519 — 525). Na edição espanhola foram juntados dois artigos separados no original: Batismo (Taufe, vol. IV, col. 815-833) e Batismo de desejo (Begierdetaufe, vol. I, col. 477-483).

A primeira parte (sobre o batismo sacramental) é da autoria do beneditino Burkhard Neunheuser. Está enriquecida com valiosos subtítulos, que não existem no original. Vejamos:

I — No Novo Testamento e na Liturgia. 1 — A palavra do Senhor; 2 — Analogias; 3 — A prática apostólica; 4 — Teologia neotestamentária; 5 — Liturgia Batismal; 6 — Estrutura fundamental; 7 — Batismo de crianças; 8 — Realidade atual.

II — *Reflexão Teológica*. 1 — Os primeiros tempos; 2 — Orígenes; 3 — A controvérsia sobre o batismo dos hereges; 4 — Agostinho; 5 — A maturidade plena da teologia batismal; 6 — Teologia escolástica; 7 — Época de Reforma.

III — *Teologia Atual*. 1 — A renovação litúrgica; 2 — Os desejos da Reforma; 3 — A problemática do batismo de crianças; 4 — Realismo sacramental; 5 — Exigências do batismo.

IV — *Fundamento de toda a vida cristã*.

A segunda parte (batismo de desejo) é de Gregory Baum. Subdivide-se em: I — Visão histórica; II — Reflexão sistemática.

Encontramos um verdadeiro tratado em miniatura sobre o tratado. Assim neste primeiro volume há numerosas monografias de especialistas sobre temas como: Amor, Alma, Aliança, Anjo, Antigo Testamento, Antropologia,

Ateísmo, Autoridade, Bíblia, Crisma, Confirmação, etc.

Sacramentum Mundi é uma obra que interessa não só a teólogos, mas igualmente a sacerdotes e leigos. É uma obra moderna de Teologia orientada para a ação pastoral, expondo a doutrina da Igreja em novas formulações, selecionando com rigor científico o que é essencial. A tradução espanhola tornou mais acessível também ao leitor brasileiro uma obra que geralmente falta em nossas bibliotecas. Temos certeza que durante muitos anos esta obra servirá como obra de consulta e estudo nas bibliotecas mais atualizadas, não só de teologia, mas de cultura geral.

Sem dúvida a edição espanhola tem algumas vantagens sobre o próprio original alemão. Apenas teríamos gostado de encontrar também um índice sistemático dos artigos contidos em cada volume.

U. Zilles

THILS, Gustavo: *La Infalibilidad Pontificia* (Fuentes-Condicionales Límites). Tradução do original francês de Felipe Pardo S.J., (Col. "Teología y Mundo Actual" — 29), pp. 326, 21 x 16 cm, Editorial "Sal Terrae", Santander (Espanha), 1972.

Sabe-se que ortodoxos, anglicanos e reformados se escandalizam sobretudo com o dogma católico da infalibilidade pontificia. Não só. Também entre teólogos católicos nos últimos tempos se pode perceber certa alergia contra o mesmo. Alguns gostariam de ignorá-lo. Outros discutem-no.

Sem dúvida, no passado não muito distante, em certos meios católicos se tem usado e abusado da definição dogmática do Vaticano I. Muitos católicos erroneamente vêem no papa uma espécie de "quebra-galho" para todo tipo de dificuldades doutrinárias. Poucos se põem a indagar com seriedade conteúdo e limites da doutrina católica.

O autor tem como objetivo, nessa obra, recordar as condições e limites da infalibilidade pontificia conforme a doutrina do Vaticano I.

Quer precisar suas principais dimensões conforme os documentos conciliares de 1870: os votos preparatórios, declarações, relatórios, observações dos padres, trabalhos da deputação na fé e escritos dos teólogos que participaram na elaboração dos textos conciliares.

O livro está dividido em duas grandes partes. A primeira tem caráter mais histórico e a segunda mais teológico.

Na primeira parte (pp. 23-162), Thils estuda o contexto histórico-teológico mais amplo. Examina as múltiplas influências do pensamento teológico da época através de pessoas e escritos em Roma e Itália, da teologia alemã, dos bispos da minoria francesa e dos bispos líderes da maioria, recorrendo, não raro, a documentos inéditos. Examina o desenvolvimento dos diferentes aspectos da doutrina da

infallibilidade desde a preparação dos esquemas até a redação do texto final.

Tem como horizonte teológico: a verdade é anterior a infallibilidade. O Espírito Santo assegura ao conjunto da Igreja a firme permanência na verdade. Mostra que, em primeiro lugar, se afirma a infallibilidade do povo cristão "in credendo"; depois dos pastores e doutores "in docendo"; entre esses é declarado infalível, sob certas condições precisas, o magistério do romano pontífice quando fala "ex cathedra". A partir do segundo capítulo (p. 53ss.) limita-se a este último tema.

Na segunda parte (pp. 163-313), Thils busca fundamentar o dogma da infallibilidade na promessa do Senhor e na assistência do Espírito. Quando a comunidade cristã unânime, em adesão suprema a sua fé, confessa ter sido revelada por Deus, uma doutrina e lhe outorga um assentimento de fé absoluta, o testemunho da comunidade cristã chega a uma qualidade excepcional. Neste momento ou se deve reconhecer pouca importância à promessa feita por Cristo ou se deve crer que a ajuda do Espírito Santo se manifestará ao menos nisso, que nunca se tome unanimemente um "erro" como revelação, inclusive que tudo, que nas expressões condições se declare estar "revelado" e, portanto, certo, esteja realmente revelado e, portanto, é necessá-

rio e absolutamente certo. E isto é de fé a respeito da infallibilidade dos fiéis "in credendo" (p. 180).

O mesmo sucede em relação ao colégio dos bispos em comunhão com o papa. Afirmar a infallibilidade dos romanos pontífices então significa que um papa está em condições de falar "ex cathedra", sempre que seja dentro da missão própria e com intenção clara (p. 181).

Na parte central da obra, o autor estuda o dogma da infallibilidade sem menosprezar o consenso de fé de todo o povo cristão e a função do colégio episcopal, i. é, estuda limites e condições da infallibilidade pontifícia conforme o próprio dogma católico. Mostra que o fim da infallibilidade é defender a unidade fundamental da fé do povo de Deus, não propriamente determinada teologia; norma do ensinamento infalível é a revelação; seu objeto é a explicitação da revelação. Portanto, de modo algum a infallibilidade pontifícia é absoluta ou arbitrária. Tem limites e condições, não podendo ser dissociada dos dados da revelação, nem da fé da Igreja.

O livro foi escrito pouco antes das mais recentes discussões em torno do assunto na teologia católica. Nem por isso perde seu valor crítico. Pode servir como ponto de partida honesto e sincero para um diálogo ecumênico, pois expõe crítica, mas fielmente o dogma católico.

U. Zilles

BOJORGE, Horacio, S. J.: Vocabulario basico y graduado del Hebreo Bíblico. (Aprendizaje del Hebreo Bíblico — 3), pp. 26, 21 x 17 cm, Calaguá 3711, Montevideo, Uruguay, 1971.

Neste caderno de 26 páginas o Pe. Horácio Bojorge apresenta um trabalho raro, talvez único, na América Latina, a saber, um vocabulário básico e graduado do hebraico bíblico. Compreende três partes: 1. Lista de *raízes verbais*, numeradas de 1 a 367, segundo a frequência com que ocorrem na Bíblia hebraica (p. 1-11). 2. Lista dos *substantivos, adjetivos e advérbios*, numeração de 1 a 383 tam-

bém em ordem de frequência (p. 12-23). 3. Lista de frequência dos verbos (p. 24) e dos nomes (p. 25); nestas últimas listas se indica quantas vezes aparecem os verbos e nomes na Bíblia. Nas listas 1 e 2 a frequência é indicada em 11 respectivamente 10 grupos: p. ex. grupo 1: além de mil ocorrências; grupo 2: ocorrências de 500 a 1.000 vezes, e assim por diante até ocorrências de 20 a 30 ou 50 vezes. Nas

listas 1 e 2 aparecem os vocábulos em letras hebraicas com o significado ou significados principais em castelhano e são, portanto, muito úteis para o aprendizado do hebraico bíblico. Não fiz um cotejo a ver se as listas estão completas, mas por acaso dei pela falta de "záith" = oliveira (cf. azeitel), termo que ocorre umas 40 vezes e, portanto, deveria estar no último grupo dos nomes.

Conquanto este trabalho não seja propriamente original (o autor indica na p. 26 as obras que consultou, para elaborar as listas e contagens), ele foi levado a cabo com muita aplicação e extremo cuidado, sendo muito raras as erratas, e cada um que já lidou com o hebraico, sabe quanto custa evitá-las! A título de colaboração indico as erratas que encontrei: *Substantivos* n.º 88 "hail": as vogais não estão claras; n.º 99 "ma' asêh": os sinais de vogais estão deslocados; n.º 113 "thôrâh": o wau deve estar antes do rêsh; n.º

239 o último significado deve ser humilde e não humilde; n.º 320 "âmêh": deve ser 'âmâh.

Seja-me permitido expor um pedido ou sugestão: não se poderia, de vez em quando, acrescentar aos significados castelhanos um termo que servisse de ponte entre o hebraico e o castelhano? p. ex. nos verbos, n.º 210 "shâbat" cessar, descansar... cf. sábado! dia de repouso; n.º 207 "rafâ", curar... cf. Rafa-el! Substantivos: n.º 188 "èrêb" tarde... ocaso cf. Europa-Occidente! É o que faz com bastante frequência o Hebräisches Vokabularium de Strack-Jepsen. München 1929¹². De resto Bojorge o faz no substantivo n.º 372 "mâshiah" ungido... (Messias).

Concluindo: quem quiser familiarizar-se com o hebraico bíblico, para penetrar mais profundamente na palavra de Deus, este caderno só pode ser reconhecido. Parabéns pois ao esforçado autor!

P. J. Balduino Kipper, SJ.

DE LUBAC, Henri, S. J.: *A escritura na Tradição*. Tradução do original francês pelas Monjas Beneditinas, (Col. Bíblica n.º 8), pp. 222, 22,5 x 15 cm, Edições Paulinas, São Paulo, 1970.

Diz o autor no prefácio: "Não apresenta este livro história completa da exegese bíblica na Igreja nem explicação doutrinal da relação entre Escritura e Tradição; ... mas uma série de aspetos que convergem todos para um mesmo centro: A INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL da Escritura, como a compreenderam os séculos cristãos."

Condensa ele o que escreveu em outras obras: O primeiro capítulo: a inteligência espiritual, reproduz a conclusão de "Histoire et Esprit", 1950; o segundo capítulo: duplo Testamento, extraiu-o do 1.º volume de "Exegèse médiévale", 1959; o terceiro: novidade cristã, provém com seus cinco parágrafos dos tomos 2.º, 3.º e 4.º da mesma obra, 1959-1964.

Focaliza os temas principais desses cinco alentados volumes, acessíveis a poucos; temas que ajuda-

rão muitos a assimilar melhor os ensinamentos da Constituição Dei Verbum.

O autor expõe e propugna uma tese: Urge ultrapassar o sentido literal, histórico do A. e N. Testamento, pressuposto necessário do sentido espiritual. A este é que a exegese tradicional sempre procurou empolgar — daí o título: A Exegese na Tradição — sentido que o Espírito encerrou no texto sacro." Consiste no grau mais elevado da inteligência, na inteligência mais profunda, mais absoluta que a letra. É interior e descobre causas internas, jamais apreendidas em plenitude; enquanto o sentido da letra permanece exterior, superficial (cf. 87, 142). Confira-se a esse respeito o n.º 8.º da Constituição Dei Verbum.

Esta obra de H. de Lubac, a prevenir contra as vãs pretensões do

historicismo exegético (217, La-grange), fascina tanto pelo tema, quanto pela erudição imensa, invulgar vigor entusiasta, que enriquecem as 215 páginas.

Quem medita a Sagrada Escritura, quem dela haure o pão espiritual, quem procura conhecer os caminhos da união com Deus, Deus

que se comunica na inteligência espiritual da Palavra-diálogo, convém que leia "A Escritura na Tradição".

A tradução das Monjas Beneditinas merece e já mereceu em outra recensão os maiores encômios pelo escoreito e fluente do estilo.

R. A. Braun

GRELOT, Pedro: Introdução à Bíblia. Tradução das Monjas Beneditinas da Abadia de Santa Maria, Coleção Bíblica n.º 8), pp. 458, 21 x 14,5 cm, Edições Paulinas, São Paulo, 1971.

Esta introdução é iniciação a uma leitura proveitosa da Bíblia (7), não consistindo "numa notícia sobre os debates críticos de que passível", antes "a apresentação da mensagem doutrinal nela encerrada" (8). "Cuidei de focalizar primeiro tal mensagem", diz o autor no prefácio. A primeira edição data de 1954. A tradução espanhola já introduzira numerosas modificações. Nesta edição Grelot reelaborou deliberadamente o texto completo e ampliou consideravelmente a parte consagrada ao Novo Testamento. Aborda ainda na introdução (13) a história do uso da Escritura na Igreja, com frisar a importância desta leitura: questão vital para o cristão e salientar as dificuldades que surgem, a unidade dos dois Testamentos, a pedagogia divina manifestada na revelação longamente amadurecida a se coarçar com a vinda de Cristo.

Após cada parte ou capítulo ou seção encontram-se textos de consideração sobre o assunto, de vários autores renomados (cf. índice

dos textos: 451-452); temas de estudo; ampla bibliografia a respeito.

A primeira parte versa sobre a formação e o drama do povo de Deus (25-178); a segunda sobre o judaísmo da época persa e helenística (179-305); a final sobre o ponto de encontro dos dois Testamentos e o Evangelho na história sob o título: Do judaísmo à Igreja (307-409).

E aportamos à conclusão: A Bíblia, palavra de Deus (411-442), que em grandes linhas gerais, claras e seguras explana o tratado da Inspiração Bíblica. Termina o livro com apêndice bibliográfico, citações bíblicas, índices dos textos, cronológicos, dos livros bíblicos e índice geral.

Grelot dispensa elogios quanto à competência do saber, critério ponderado, vivência pastoral bíblica. A tradução, pelo esmerado, correto e fluente do estilo está a desejar que as Monjas Beneditinas continuem a brindar o público com muitas outras traduções de obras de orientação segura.

R. A. Braun

HEIDT, William G., O. S. B.: Inspiración, Canonicidad, Textos, Traducciones, Hermenéutica. Tradução do original inglês por Antonio Diego, (Col. Conoce la Biblia n.º 31), pp. 125, 17 x 12,5 cm, Editorial "Sal Terrae", Santander (Espanha), Ediciones Mensajero, Bilbao (Espanha), 1971.

Coleção de vulgarização, de forma alguma superficial, "Conoce la Biblia": Antiguo y Nuevo Testamento, já lançou 31 opúsculos, vertidos do inglês, tratando do Antigo Testamento, sendo os dois últimos, 30:

Temas principales del A. T., 31: Inspiración, Canonicidad, Textos, Traducciones, Hermenéutica e 9: El Génesis, 1-11, da autoria de William G. Heidt (em 9 e 31: O. S. B., em 30: O. F. M.!)

O formato de bolso com suas 100 e poucas páginas, à disposição do assunto com muitas subdivisões, ótimos esquemas, parcimônia de notas, estilo claro, fluente, fácil, conhecimento profundo da matéria estimula o leitor a ler a obra de um fôlego.

Heidt aborda primeiro o tema da existência da Inspiração Bíblica e de sua natureza com alguns corolários, ressaltando a "verdade" da Escritura, antigamente tratada sob o título de "inerrância". Parece defender ainda a posição de Leão XIII ou da teologia anterior ao Vaticano II., *Dei Verbum* n.º 11 (p. 26, onde cita o respectivo número de Denzinger 3.292, conforme a 33.ª edição, citando, porém, à p. 34 o mesmo Denzinger conforme a 27.ª edição).

Perguntando em seguida: "Se sei que há livros inspirados, como sei quais sejam?", expõe muito bem a origem do Cânon Bíblico.

Mas não nos basta isso: Preciso ver se o texto atual da Escritura corresponde ao do "autógrafo" ou ao texto original. Eis as páginas sobre "Textos e Traduções". Enfim, urge compreender o sentido, saber a mensagem que encerra o texto do Cânon Bíblico ou dos Livros Inspirados. É o papel da Hermenêutica que consiste na noemática, heurística e proforística. Assim se conhece a Bíblia com sua mensagem.

Ótima contribuição essa do n.º 31 da Coleção "Conoce la Biblia", para deveras conhecer, apreciar, amar e viver a Bíblia.

R. A. Braun

GIL, Daniel, S. J.: **La Consolación sin Causa Precedente.** pp. 128 e uma tabela comparativa de textos, 24 x 17 cm, Centro de Espiritualidade, Caiaгуá 3711, Montevideo, 1971.

Qual a vontade de Deus a meu respeito? Como posso saber o que Deus quer de mim? Estas e semelhantes perguntas sempre surgem na vida. Os Exercícios de Santo Inácio, em particular as regras sobre o modo de fazer eleição, procuram ajudar o homem a encontrar a vontade de Deus a seu respeito.

Nestas regras sobre a eleição há uma bem original de Santo Inácio: "É próprio de Deus Nosso Senhor dar consolação sem causa precedente." O autor faz uma exegese muito cuidadosa e completa do texto, examina as diversas interpretações e estabelece o autêntico sentido desta afirmação. Consolación sem causa precedente quer dizer consolación que não foi precedida por um pensamento ou atitude que a induzisse ou provocasse. Surgindo uma tal consolación, o homem é convidado a considerá-la como indicando a vontade de Deus. O autor prova convincentemente que Santo Inácio não quer dizer nada sobre a proveniência concreta da consolación, venha ela de reminiscências do passado ou do subcons-

ciente ou da graça de Deus, mas diz unicamente que esta consolación pode ser considerada como indicadora da vontade de Deus. Como justificação Santo Inácio apela à experiência dele, dizendo que assim as coisas se deram na história da sua vida e convidando o exercitante a fazer a mesma experiência. Deve ainda ser notado que tal regra de interpretação vale para quem como o exercitante está num processo de procura da vontade de Deus.

Assim se esclarece também o sentido das palavras do "bom espírito" e do "mau espírito" que Santo Inácio usa neste contexto. Santo Inácio não afirma nada sobre a proveniência de certos movimentos no interior do homem, quando diz que são do bom espírito ou do mau espírito. Mas ele dá uma chave de interpretação: tais movimentos tendem a levar a Deus, tais outros a afastar de Deus. Inácio não diz que tais movimentos são produzidos pelo bom espírito e tais outros pelo mau espírito, mas que estão movendo o homem para o bom ou o mau caminho.

P. Oscar Mueller

LACROIX, J.: O Fracasso. Tradução do original francês de C. Ferrario, (Col. Psychologica n.º 40), 12,5 x 18 cm, Edições Paulinas, São Paulo, 1970.

O Fracasso de J. Lacroix compõe o volume n.º 40 da coleção Psychologica das Edições Paulinas. O autor divide seu estudo sobre o fenômeno "fracasso" em três partes.

No primeiro capítulo procura analisar o fracasso sob o ponto de vista psicológico, examinando os vários elementos que entram no sentimento do sentir-se alguém fracassado. Há fracassos parciais e um fracasso mais total, quando a pessoa perde o sentido da vida. Focaliza dentro desta perspectiva várias formas típicas de fracasso, como são a alienação, conflito, sofrimento e morte.

No segundo capítulo procura aprofundar sua reflexão encaran-

do o fracasso sob o ponto de vista da filosofia.

No terceiro capítulo aborda os vários comportamentos, as várias atitudes possíveis do homem face ao fracasso. O homem pode "fugir", alienar-se, do fracasso, pode desesperar-se e desanimar, mas também pode refazer-se e prosseguir para alcançar o êxito, o que é possível dentro duma atitude profunda de esperança, que nos é dada no dom da graça.

O livro contém belas e proveitosas considerações sobre este fenômeno da vida do homem.

I. Sallet

ZILLES, Urbano: Igreja em Realização, pp. 141, 21 x 13,5 cm, Editora Vozes Ltda., Petrópolis, RJ, 1972.

Urbano Zilles demonstra em: "Igreja em Realização" que não é a esperteza humana quem renova, atualiza e vivifica, mas sim, o Espírito Santo.

Onde na Igreja existem corações de pedra, inteligências embotadas pela preguiça, rotina ou, o que é pior, uma vida assentada na posse da verdade... O Espírito Santo não tem vez.

Os homens do século XX sentem a sede da Palavra de Deus. Onde a encontram? Na Bíblia? Na administração dos Sacramentos? Na Pregação? Na Igreja?

A Bíblia contém a Palavra de Deus. Mas, esta mesma Bíblia se nos apresenta em forma de problema nas conseqüências eclesiológicas, em especial no campo ecumênico. Os luteranos se apegaram a um Biblicismo enquanto os católicos se atêm a uma excessiva sacramentalização.

Mas, a Bíblia não deixa de ser elemento constitutivo da Igreja. E, no momento em que separamos a palavra bíblica da Igreja, temos letras mortas.

Igreja existe e se realiza sempre

de maneira concreta e atuante onde alguém testemunha sua fé junto ao outro através de palavras e no agir. Igreja temos onde alguém estimula o outro na fé e no amor fortalecendo-o, Igreja temos onde dois ou três se reúnem em nome de Cristo.

Urbano Zilles está convencido de que a novidade passa, o entusiasmo pode ser nova forma de triunfalismo e a mera ortodoxia verbal corre o perigo de alienação.

No cumprimento fiel de sua Missão, a Igreja sempre sente a tensão entre Tradição e Progresso. Sabemos que Ela se deve encarnar em formas de Vida bem concretas nas estruturas sociais de cada tempo e lugar.

É uma lógica histórica que a crise na Igreja católica tenha explodido mais violentamente nas costas do clero.

Há uma discrepância entre a realidade social e a eclesial. E os que têm as mãos na massa, sentem mais intensamente esta discrepância.

O primeiro capítulo do autor desta obra é resposta à pergun-

ta direta e indireta que paira necessariamente mesmo naqueles que têm certezas demais sobre questões como: A palavra de Deus vive na Igreja de Hoje? O que é a palavra de Deus? Por quais caminhos é transmitida? U. Zilles se atém à definição de Igreja universal, local, familiar. A Igreja universal deve estar presente nas comunidades e estas devem ter direito próprio na Igreja. Cortar as profecias, fazer silenciar os profetas na Igreja, é transformá-la numa organização, talvez correta, mas sem espírito. Toda Igreja deve estar não só na sucessão dos Apóstolos mas também na sucessão dos Profetas.

No segundo capítulo, o autor estuda o sacerdócio, colocando-o como serviço de reconciliação e de unidade no mundo.

O sacerdócio não é fenômeno especificamente cristão. É conhecido na história das religiões.

Em o Novo Testamento a Diáconia torna-se característica do ser discípulo do Senhor.

No terceiro capítulo, U. Zilles disserta sobre o Sacramento do Matrimônio vendo-o como sinal da presença atuante da fidelidade e do amor de Deus em Cristo à sua Igreja. Enfim, o que pode significar para o cristão do mundo técnico-urbano de hoje, um Sacramento? O homem da civilização técnico-urbana caracteriza-se por uma perda sempre maior à dimensão do Símbolo por causa do seu compor-

tamento sempre mais técnico-funcional.

O homem se sente incapaz de dar, ele mesmo, uma resposta plenamente satisfatória a sua existência. Ele é chamado a aceitar seu modo de ser na Liberdade e Responsabilidade. A época da fixação, estatização, dogmatização... já era. Os homens de hoje possuem uma concepção mais dinâmico-evolutiva da realidade.

Urbano Zilles, nesta obra, caminha de mãos dadas com as forças renovadoras. Quer descobrir valores novos essenciais sem se perder em posições periféricas e aparentes modernidades. Diz ele: "Não poderemos continuar respondendo com respostas velhas às perguntas novas, também na Igreja não". O autor não condena as formas de fé antigas. Não se tornaram falsas, diz ele, apenas não correspondem mais aos nossos problemas imediatos de hoje. Precisamos procurar e encontrar caminhos novos embora sujeitos ao risco de erros.

"Igreja em Realização" é uma obra que merece ser lida e refletida pelos homens do mundo em evolução preocupados pelo bem-estar da Igreja de Deus. Não é uma pedra de tropeço. Aponta as pedras angulares do edifício em permanente construção. "Igreja em realização"; castigada, corrigida, santificada e construída pelo Espírito Santo na carne viva e dolorida do homem.

Inácio Biesdorf, SJ.

FEITOSA, Neri: Aos jovens rurais, pp. 134, 21 x 13,5 cm, Editora Vozes Ltda., Petrópolis, Rio de Janeiro, 1972.

Em todo mundo uma onda de renovação, reformulação, reestruturação invadiu também as áreas das zonas rurais. Felizmente a Ignorância não é mais conceituada como sinônimo de virtude. Finalmente deu-se "luz verde" para as classes menos achegadas às ciências a fim de poderem adquirir seus direitos legítimos: usufruir dos direitos e deveres inerentes à dignidade da pessoa humana. Dois veículos eficientes estão sendo usa-

dos para que nenhuma pessoa fique à margem daquilo que ela necessita para se engajar na sociedade. São eles: Moral e cívica e o **MOBRAL**.

"Aos jovens rurais" é um livro dedicado especificamente para pessoas do campo para cuja grande faixa da população brasileira, existia nenhuma literatura. O autor foi genial, pois conseguiu usar uma terminologia à altura da capacidade de compreensão das classes

simples (não intelectuais). O linguajar é aquele que o povo rural fala e melhor entende. E, apesar disso, não foge da fineza gramatical. A exatidão lingüística existe nesta obra. Isto é muito positivo pois pertence à formação e é um modo de formar.

O autor não se preocupou com a quantidade mas pela qualidade. Sua obra consta de apenas 134 páginas e páginas bem espaçadas. Idéias baseadas numa vivência e por isso bem concretas. Já que se destina a um público que não lê escritos volumosos, mostra-se conhecedor profundo do mesmo quando escreveu uma obra bem fácil e muito interessante. Ela possui as propriedades de uma orientação de vida completa. Fariamos justiça se a chamássemos de: "Manual de Relações Humanas para o morador do campo". Ou: "Um livro de Moral e Cívica plenamente integrado na realidade social e religiosa de nosso povo". Fala sobre a vida privada, particular, afirmando que o "slogan": "errando se aprende" deveria ser substituído por um melhor e menos prejudicial, talvez mais social, que diz: "Observando é que se aprende". Disserta sobre a vida "doméstica" dando orientação a respeito das relações entre os familiares. Aponta a vida social, alegando que a amizade é uma necessidade...

Quando se refere à vida religiosa diz que nela deve haver reflexões e relações que transcendem a inteligência humana. Quer dizer: o homem religioso está ciente dum Ser que o transcende e, para chegar a

ele deve superar-se, transcender as possibilidades meramente naturais.

Diz que a vida política é necessária para se preservarem os direitos de qualquer cidadão. Na vida profissional o homem deve procurar a sua realização pessoal. "Aos jovens rurais" possui um personagem central, idealizado mas bem real e concreto. O que se ensina possui um aspecto pessoal, encarnado. Não há abstrações ou divagações puramente teóricas.

O grande mérito desta obra é sua abertura para novos enfoques. Procura a solução moderna para problemas cuja solução não se encontra em respostas tradicionalistas e defasadas. Insinua o caminho, não o impõe. Sugere-o. O autor, ciente que o seu público está apegado a tradições seculares, tem a fineza psicológica de mansamente conscientizá-lo de que já não servem mais, e que é preciso encontrar caminhos novos. É admirável que ele não destrói mas procura trazer soluções. Procura, antes de tudo, abrir caminhos novos em vez de só fechar os antigos. O leitor certamente acaba aceitando as idéias novas agradecendo a si mesmo por ter feito esta descoberta.

O livro presta-se de maneira admirável a cursos ou palestras para jovens rurais. Foi escrito especificamente para rurícolas, aos desejos dos quais vem ao encontro. Quem o ler e pondo-o em prática, sentirá com prazer os efeitos. Quer ser o amigo de todas as horas, especialmente, nas horas de incertezas e angústias.

P. Inácio Biesdorf, SJ.

PIAZZA, Waldomiro Otávio: Teologia Fundamental para Leigos, pp. 232, 23 x 16 cm, Editora Vozes Ltda., Petrópolis, Rio de Janeiro, 1972.

O autor procura nesta obra introduzir o leitor nos principais problemas da Teologia atual bem como capacitá-lo para descobrir por si mesmo o essencial das Escrituras. Apêndices históricos dão ao leitor uma visão real do alcance de cer-

tas questões aparentemente de valor apenas especulativo. Enfim, gira em torno de um tratado de teologia fundamental para pessoas com certa formação mas não necessariamente especialistas em teologia. Daí seu grande valor para os

cristãos de hoje, para religiosos, pastores e estudantes de teologia. O livro destina-se aos leigos, mas também os iniciados ganharão com sua leitura, devido ao caráter de clareza e confissão que o autor dá à sua obra.

O padre Piazza demonstra com muita clareza que a teologia não é um corpo de doutrinas mortas ou fossilizadas, mas existenciais e dinâmicas, já que dizem respeito à natureza de Deus, sumamente ativo, e às suas relações pessoais com o homem, o qual por sua vez, não é um "robot" mas uma imagem e semelhança de Deus, isto é: um ser capaz de decisão pessoal. Não basta, para estabelecer determinada doutrina teológica, que se cite uma ou outra passagem da Escritura, mas é preciso que tais passagens se enquadrem na mensagem global, pois a Revelação não se cifra a algumas frases isoladas, desprovidas de ligação com o resto, mas se realiza mediante um "diálogo" com a Criação, prosseguindo com a eleição de Israel e chegando à plenitude com a Encarnação do Verbo.

Trata-se de uma doutrina orgânica em que cada parte diz respeito ao todo.

A distinção entre o Antigo e o Novo Testamento tem sua história. A Igreja primitiva de Jerusalém, composta de judeus convertidos à fé em Cristo, conservou para com os Livros santos da tradição judaica o antigo respeito devido a livros inspirados por Deus, seguindo assim o exemplo do próprio Cristo que mais de uma vez citou as Escrituras Sagradas em favor de sua pessoa e de sua missão. Quando surgiram os Evangelhos e as Cartas dos apóstolos, num momento em que a Igreja mais e mais se desligava da antiga fé judaica, começou-se a fazer distinção entre Escrituras e Evangelhos, como se vê nos escritos do apologista São Justino (Apol. 1, 66; p. 6; 430) Mas, diz o autor, para o leitor penetrar no sentido de cada texto sagrado, deve ele ser compreendido no seu contexto, pois é o todo que ilumina as partes.

Pouco importa, para a mensagem divina, que a piscina de Betesda tenha quatro ou cinco pórticos (Jo. 5, 2ss); mas importa que Jesus tenha aí curado um paralítico, porque a este fato se prende a "verdade" de que Jesus é Nosso Salvador.

Enfim, pode-se afirmar que: "Teologia fundamental para leigos" é uma obra-prima. Obra que custou inumeráveis horas de reflexão tendo o autor sempre ante os olhos a preocupação de tornar acessível ao leigo as passagens obscuras e difíceis, contidas nas Escrituras. De fato, lendo esta obra, o leitor sentirá um verdadeiro prazer, pois mesmo as passagens mais difíceis tornaram-se agora inteligíveis, mesmo para os menos desenvolvidos intelectualmente, os quais o autor tinha em mente quando se entregou a este trabalho penoso e tão delicado de confrontar fé cristã e as Sagradas Escrituras.

Detive-me, diz o autor, nas relações entre a fé cristã e Escritura porque este é o ponto que mais interessa aos leigos. O leigo facilmente entende que a Bíblia é uma notável coleção de Livros religiosos, mas quer saber por que é chamada: "Palavra de Deus" e mais ainda, como nela descobrir a Palavra de Deus, já que a Bíblia, por causa de sua forma literária própria, parece tão estranha e difícil de entender. Como terá Deus falado aos homens primitivos, diz o autor, não o sabemos. Podemos, porém, conjecturar das teofanias do Antigo e do Novo Testamento. São Pedro refere que ouviu distintamente uma voz do céu durante a Transfiguração (2 Pedr. 1, 1-17; Cf. Mc. 9, 2ss).

Concluindo: quem ler a obra: "Teologia fundamental para leigos" sentirá o prazer de ela lhe ter tirado muitas dúvidas e de ter dado mais compreensão em partes obscuras e difíceis. É uma obra que merece ser lida por todos que prezam as Sagradas Escrituras e que procuram confirmar sua fé.

P. Inácio Biesdorf, SJ.

FABBRETTI, Nazareno, e outros, Catolicismo e Liberdade. A consciência Individual Critério Inviolável. Tradução do original italiano por Ephraim Ferreira Alves (Coleção IDOC, Os Grandes Temas do Cristianismo Moderno — 5), pp. 315, 21 x 14 cm, Editora Vozes Ltda., Petrópolis, RJ, 1971.

Bertrand Russel, no seu livro: "Por que não sou cristão", diz que a Intolerância é um dos traços mais acentuados do Cristianismo. (Milão, 1959, p. 39). Esta obra, Catolicismo e Liberdade, descreve alguns aspectos desta intolerância, sua origem, suas conseqüências e o impacto que causou a frase "Liberdade religiosa". A intolerância tem atrás de si as imagens trágicas da Inquisição, as estórias das perseguições e condenações.

Realmente poucas formas de religião são imunes à trágica responsabilidade da perseguição; coerção, da falta de respeito pelo mistério íntimo da consciência do homem. Da ridícula pretensão de convencer através da imposição, usando o instrumento fácil da "verdade", que monopoliza a capacidade de dominar o íntimo da consciência do homem. Felizmente surgiu a Declaração sobre a Liberdade religiosa, desejada pelo Concílio da Igreja Católica. Mas, não foi pouco o impacto, estranheza que causou ao homem que vive uma fé herdada de eras antigas em que, para defender ou difundir uma crença, se achava normal suprimir a pessoa ou constrangê-la a "salvar-se".

Sabe-se que com a Declaração sobre a Liberdade religiosa, a Igreja do Vaticano II tocou no ponto mais avançado e estimulante do seu diálogo com o mundo contemporâneo. Mas, não deixou de ser apenas um ponto de partida esta declaração. A declaração envolve a teologia, a moral e o direito canônico, bem como os modos de coexistência, colaboração e integração da obra da Igreja com os governos, com as Concordatas realizadas e em fase de realização sob novas fórmulas.

Lamenta-se hoje que, durante séculos, os teólogos, apologetas, moralistas se apegaram por demais a uma expressão típica — "a

Igreja possui a verdade!" Hoje se acha por bem afirmar: "A Igreja é possuída pela Verdade!" E o Evangelho de S. João diz: "O Espírito vos conduzirá à verdade" "O Espírito sopra onde quer". A igreja deve ensinar e defender o direito à liberdade religiosa, porque se trata de uma verdade que o próprio Cristo lhe confiou. A liberdade religiosa é exigida pela mesma natureza do ato de fé, o qual não pode ser professado se, como diz o Evangelho, o Pai não atrair a si os seres humanos (Jo. 6, 44).

Esta bela obra "Catolicismo e Liberdade" traz uma bela distinção entre: Liberdade de consciência e Liberdade religiosa. Liberdade de consciência, em sentido jurídico, é o direito humano e civil do indivíduo à imunidade da coação externa; na procura de Deus, na investigação da verdade religiosa, na aceitação ou rejeição da fé religiosa, em viver a vida interior religiosamente ou não. Quer dizer: é a liberdade de decisão religiosa ou não. E esta liberdade é essencialmente social.

A liberdade de adesão a uma comunidade religiosa é inseparável da liberdade pessoal de consciência e endossada pelos mesmos argumentos. A adesão ou não-adesão religiosa do indivíduo não diz respeito ao Estado como também não à íntima decisão desse indivíduo quanto a crer ou não crer. Diz nesta obra, Michele Pellegrino: "Que nos perdoe Santo Agostinho, se pensamos que não escapou de todo a essa armadilha, quando andava à procura de argumentos exegeticos para justificar a intervenção coativa da autoridade imperial, nas relações entre os católicos e donatistas."

Como é que se chegou, finalmente, a "Dignitatis Humanae" em que o Vaticano II expressamente afirmou: "A pessoa humana tem direi-

to à liberdade religiosa?" Os homens todos devem ser imunes de coação tanto de pessoas particulares como grupos sociais. A ninguém se obrigue de agir contra a consciência. Respostas a estas e outras questões semelhantes, o leitor as encontrará neste volume da IDOC no qual diversos teólogos e pesquisadores mostram a evolução no seio da Igreja católica, do conceito de liberdade religiosa, fundamentada na dignidade pessoal do homem.

Destacam-se entre os colaboradores: Pietro Pavan: que aborda o tormentoso item do documento na Aula conciliar até sua aprovação final; Gonzáles-Ruiz mostrando como se pode fundamentar na Sagrada Escritura a intolerância em matéria religiosa; E John C. Murray que deduz as consequências desses princípios no plano ético, social e jurídico.

Completem finalmente a obra dois documentos do Conselho Mundial das Igrejas. O primeiro de 1961, um relatório sobre o testemunho cristão, o proselitismo e a vida religiosa. O segundo, também de 1961, e do mesmo Conselho Mundial das Igrejas, é uma Declaração sobre a Liberdade Religiosa.

Concluindo: O que este volume apresenta, os ensaios nesta obra, não querem ser um novo comentário da Declaração sobre a Liberdade Religiosa, nem uma defesa da

mesma, nem uma explicação para os outros de que uma confissão religiosa admite como fato irrecusável a liberdade religiosa. Ao contrário, querem ser parte de uma meditação construtiva sobre a liberdade religiosa. Querem ser elementos de reflexão, revisão feita com homens de pensamento e de responsabilidade, conscientes do fato de que semelhante problema não está resolvido só pelo fato de uma assembléia ter promulgado solenemente um documento, mas que começa a caminhar para a solução, quando cada um de nós sente que pode tornar-se um homem que dá a si próprio a liberdade sem tirá-la aos outros.

A liberdade que Cristo nos deu chama-nos a sentir-nos responsáveis pelos direitos dos outros. A liberdade cívica, que reclamamos em nome de Cristo, deve ser concedida a todo o homem, para que possa assumir as próprias responsabilidades. Portanto: esta obra merece os nossos aplausos e deveria ser lida, refletida por todos os que se preocupam com o bom andamento da Igreja de Cristo. Deve ser lido por aqueles que não querem permanecer membros passivos na sociedade eclesial mas, que se sentem responsáveis pela santificação dos membros da Igreja de Cristo.

Inácio Biesdorf, SJ.

DONATO, Frei: *Louvores e Agradecimentos*, pp. 176, 21 x 13,5 cm, Editora Vozes Ltda, Petrópolis, RJ, 1972.

O conteúdo deste livro é acessível a qualquer pessoa. Foi escrito para o público simples de nossas paróquias do interior mas presta-se perfeitamente também para a classe mais intelectual, pois perante Deus somos sempre pequenos, podemos e devemos crescer. Serve e adapta-se a qualquer classe de gente porque o autor convida o leitor a meditar e a refletir sobre a benignidade e grandeza de Deus a fim de transcender a letra e se ocupar com o espírito das Escrituras, Igreja e Sacramentos.

A obra como tal, se apresenta como pensamento e meditações para todos os dias do mês. Isto é: do dia 1.º a 31, o leitor encontrará um pensamento digno de reflexão que facilita o encontro com seu Deus. As 31 conferências são como os anéis de uma cadeia que une os maiores dias de nossa vida, tão cheia de graças, do batismo até a morte. Como sugere o título, a criação deve dar louvores a seu criador e agradecer-lhe os inumeráveis benefícios recebidos. A gratidão pelos benefícios recebidos redunda no

proveito espiritual e temporal da própria criatura.

O livro assemelha-se em alguns pontos, ao catecismo, livro compêndio do santo Evangelho. Abrindo-o em qualquer ponto, encontram-se pensamentos salutares. Frequentes vezes aquela palavra, aquele aviso, aquela advertência encontrada a esmo, corresponde à situação aflitiva d'alma. "Louvores e Agradecimentos" está acompanhado, ou melhor, conduzido por um fio-condutor que leva o leitor à essência, àquilo que lhe é essencial na vida espiritual, no encontro com Deus e não se perde em piedades, devoções particulares, secundárias. O pensamento dominante pode ser sintetizado numa frase bíblica: "Procurai primeiro o reino dos céus e sua justiça e todas as outras coisas vos serão dadas por acréscimo" (Mt. 6, 33). Se todas as criaturas devem louvar, bendizer seu criador e agradecer-lhe sua bondade para com elas (Cf. Daniel 3, 57-90) muito mais o homem que foi feito imagem e semelhança de Deus. (Cf. Gên. 1, 27) e remido pelo sangue de Cristo (Cf. 1 Cor. 15, 22) e destinado à eterna glória. Ao coração agradecido estão abertos os cofres das graças de Deus! Também a Igreja, no Prefácio da Missa, faz sempre lembrar aos fiéis que é digno e justo dar graças ao Senhor, Nosso Deus, em todo o tempo e lugar.

Adverte o autor que não ande o leitor, com os olhos fechados para as maravilhas que continuamente o cercam. Não raras vezes o homem descobre as maravilhas divinas tarde. Os discípulos de Emaús só reconheceram o Senhor na Fração

do pão. Como teria sido salutar se já o tivessem reconhecido durante o caminho, pois assim a conversa cheia de preocupações teria se transformado num gozo. Nesta obra o autor quer que o amigo leitor sinta e reconheça a presença de Cristo em nossa vida desde o 1.º até o 31.º dia do mês. O homem é chamado à santidade (Ef. 1, 4). E esta santidade consiste em dizer sempre o nosso "sim" ao Pai (Mt. 17, 26). O "sim" ao Pai implica numa renúncia, numa cruz que devemos carregar sorrindo (Lc. 9, 23).

Somente aquele que segue a sinalização (lei) do Senhor pode estar contente e satisfeito da vida pois as leis do Senhor são justas e alegram o coração. (Sl. 18). O peso da cruz diária diminui na proporção em que cresce o nosso amor à cruz. Mas, a cruz não se deve carregar resignada e cegamente. Deve ser carregada com adesão da inteligência iluminada e fortificada pelos sete dons do divino Paráclito. Saber dizer o "sim" ao Pai nos momentos mais difíceis, angustiantes da vida, só se consegue se somos amparados, iluminados pelos sete dons do Espírito Santo.

Frei Donato nesta obra, "Louvores e Agradecimentos", nos descreve de maneira simples, mas muito eloquente, a possibilidade dum diálogo cordial, sincero, entre o Criador e a criatura humana. Vale realmente a pena ler este livro. Mas ele deve ser lido, não conforme as técnicas da leitura rápida e dinâmica. O livro deve ser saboreado em ritmo de câmara lenta. Somente assim o leitor apreciará o sabor espiritual destas 176 belas páginas.

Inácio Biesdorf, SJ.

BRITO, Alcindo: O Feiticismo do Olhar. Um ensaio psicanalítico sobre o complexo de Édipo, pp. 97, 18 x 11 cm, Edições Paulinas, São Paulo, 1971.

"Feiticismo do Olhar", livro de Alcindo Brito, é um comentário a partir de notas gravadas sobre uma psicanálise de um paciente com reações neuróticas. Este paciente era atormentado pelos olhos de

sua mãe que, através de uma fixação edípica, transformou-se em Fetiche. O olhar produzia nele reações de ambivalência, repulsa-atração, que agiam alternadamente. A compulsividade originada pelo

olhar causava-lhe atitudes obcessivas juntamente com desagradáveis e desconfortantes crises de angústia. Durante as sessões suas livres associações eram feitas em forma de poesia onde claramente aparecia a figura da mulher-mãe por quem se apaixonava, substituindo a mulher real, que jamais amara. Numa terminologia tradicional — mas vigorante ainda, não obstante sua inexpressividade — diríamos que se tratava de uma neurose-obcessivo-compulsiva que se manifestava com variações sobre o tema: olhar.

É genial a capacidade diretiva de Alcindo Brito, em relação à transferência negativa que em dado momento começa a surgir no paciente. Por isso, concordamos plenamente com o autor que de acordo com o dizer de Freud em suas "Cinco Lições de Psicanálise" ou de Jung em "O Homem à descoberta de sua Alma" afirma que o analista nasce e que a análise não se aprende em livros. Alcindo Brito demonstra uma intuitividade invulgar que lhe permite ir além do mero dado, do mero sinal, do mero sintoma e encarar de frente o diagnóstico anterior às próprias revelações do paciente. A isso alia-se uma capacidade singular de acompanhar o paciente na busca.

Não é fácil, no Brasil, encontrarmos Psicanalistas que sejam manifestamente ecléticos. Assim, Alcindo Brito não se atém à Escola alguma Psicanalítica. Inclusive, há um positivo esforço, que se denota nas primeiras páginas, de superar os conceitos psicanalíticos tradicionais. Infelizmente, movemo-nos num horizonte nominalista marcado por uma concepção fixista e materialista da pessoa humana. Gastamos energias enormes para explicitar-nos ora em aproximar conceitos, ora para afastar outros menos felizes, pelo fato de sua origem histórica estar influenciada por correntes de pensamentos que pouco dizem da nossa experiência. E no fim de tudo cabe-nos perguntar: "Que significa uma "Psicose" ou uma "Neurose" em relação ao sofrimento desta pessoa concreta?"

Ressalte-se ainda a originalidade seguida por Alcindo Brito em seus diálogos elucidativos com o paciente. É uma volta às fontes da psicanálise-Freud. Espanta-nos hoje o "mito da neutralidade". Como são diferentes as sessões de Freud daqueles certos analistas, aliás, "muito bem analisados", mas que lutam com o "monstro" da contra-transferência. Fala-se então de "neutralidade"! Quando o próprio processo cognoscitivo desmente que possamos relacionar-nos com algo, sem que sejamos por ele de alguma forma modificados. E este fenômeno é muito mais profundo quando se trata de outra subjetividade. As vezes temos a tentação de julgar esta "neutralidade" como o mecanicismo de defesa própria da Psicopatologia do Analista, que a todo custo pretende permanecer inacessível e invulnerável. É o receio de ser pessoa diante da outra pessoa.

Restam-nos, entretanto, algumas discordâncias. Numa análise jogamos com uma síntese existencial e, portanto, provisória. Só a vida posterior do paciente nos dirá do êxito ou fracasso do nosso trabalho. Por isso sentimos dificuldade de participar do otimismo de Alcindo Brito, quanto à "cura" de seu paciente. Não parece estranho, e muito estranho, que o paciente tivesse encontrado sua "cura" na transferência da fantasia amorosa para a realidade, amando uma mulher que reproduzia os olhos de sua mãe? Por quanto tempo suportará a superação do problema? Não se seguirá mais tarde uma culpabilidade que terminará numa impotência sexual baseada na proibitividade do Incesto? Não é esta mulher a sua "mãe", apesar de tudo? Ora, uma escolha baseada num conflito edípico que tem estabilidade, e quase sempre reintroduz um conflito sob outras capas. É certo que os sintomas foram superados, mas também é certo que a mera cessação dos sintomas não significa que a análise chegou a seu término. Aliás, cremos que ninguém poderá responder a estas questões, como também não poderemos falar de "cura" no sentido estrito, porque

estamos jogando com a pessoa humana, com tudo o que ela possui de surpreendente e inaudito.

Resta-nos, finalmente, observar que o autor extrapolou os limites da análise, incluindo no apêndice

de seu trabalho um "Decálogo" de conteúdo religioso, ainda mais de natureza polêmica como é o caso da "Reencarnação".

Luiz Augusto Passos

EQUIPO NACIONAL DE LA JEC: De La Colera a la Esperanza, tradução do original francês de Leopoldo Márquez e Joaquín G. Carrasco, pp. 135, 21 x 11 cm, Ediciones Sigüeme, Salamanca (Espanha), 1972.

Num momento em que grande número de teólogos do mundo inteiro está procurando uma séria reflexão sobre sua função, sobre sua tarefa crítica e questionadora nas diversas circunstâncias históricas, a Equipe Nacional da JEC (Juventude Estudantil Católica) francesa lança um documento, agora em tradução espanhola — **DE LA COLERA A LA ESPERANZA** — que realmente abre portas à esperança.

Sem dúvida alguma, como é dito na apresentação, elaborada pelo Mouvement Témoignage Chrétien, a reunião dos jovens estudantes católicos poderia ter passado despercebida. Não o foi. Pelo contrário, criou inquietação no mundo adulto francês.

Partindo de uma análise das diferenças de oportunidades, numa sociedade que teve como slogan revolucionário o "Liberté Egalité, Fraternité", estatisticamente demonstrando como falso na prática, o livrinho da JEC francesa tece suas críticas ao momento que vivemos nas grandes instituições educacionais. Emite, em seguida, considerando a crise de autoridade, um julgamento que insiste sobre a lucidez necessária àquele que a possui: "A autoridade, que vem da lucidez, só propõe, e nada mais"...

Questiona-se ainda o slogan "ao estudante cabe estudar" e a pregação, insistida e sempre desobedecida "não mais política nas escolas", feitas principalmente por aqueles que desejam imobilidade social, para ainda voltar-se sobre o caráter elitista das escolas francesas, onde falta muito para se realizar uma verdadeira igualdade de oportuni-

dades. Desvela-se então a falsidade encoberta pelos slogans, para tentar uma análise de sociedade francesa em sua situação atual: *Importância da mudança econômica; Da transformação econômica à crise social; Inadaptação das forças políticas; Crise de valores.* Em seguida, mostram aqueles estudantes a visceral alienação da Sociedade, baseados numa bem feita e irônica crítica à linguagem publicitária, para atingir seu ápice analítico voltando-se às raízes da crise do ensino: *aristocracia versus democracia na escola; escola improdutiva; rentabilidade do ensino; ensino = espelho da sociedade*, ação pedagógica e ação política em tempo escolar...

E a Igreja, dentro disto tudo? A Equipe Nacional da Jec francesa se preocupa com ela, porque ainda nela se vê um obstáculo à libertação e sobretudo à libertação daqueles que lhe são fiéis. Sua realidade sociológica de instituição faz com que ela procure manter sua autoridade, em todos os níveis, mas simultaneamente nela se verificando fatores de evolução, que os fazem crer que "ali, onde se tomam estas iniciativas, embora limitadas, está o sinal de que a Igreja (não a instituição, mas aqueles que hoje constituem o povo de Deus) possui dinamismo suficiente para vencer a esclerose de muitos séculos e colocar aos homens as verdadeiras questões sobre a fé, a unidade e a libertação".

Em que, afinal, creem estes jovens? Depois de um não ao conformismo, à simples assistência social, à guerra, etc., expresso liturgicamente na última missa do Encon-

tro, expõem sua fé, cujo centro está no caráter específico da libertação anunciada por Jesus Cristo: libertação do pecado e da morte, indissolivelmente a ele ligada. O pecado é a negação ao amor, e o fundamento da salvação trazida por Cristo está na maneira de se praticar o amor e no como sair-se vitorioso da morte no mundo dos homens.

Esta salvação pode ser efetivada em qualquer momento da história e é ela que define primeiramente o ser-cristão. A concepção de história trazida pelos cristãos se subordina tudo. A "prática política" dos cristãos é, inclusive, decorrente disto, já que, como os últimos papas o afirmam, a política é "o lugar onde se exerce a caridade coletiva" e é só a prática da caridade, do amor expresso coletivamente que torna hoje possível o reconhecimento de uma comunidade cristã...

A cólera, manifestada neste livrinho, transforma-se, então, para eles, em esperança: critica-se, preocupa-se com a Igreja, "porque pertencemos a ela" e é deste pertencer à Igreja que está não só o direito de os jovens manifestarem sua cólera, mas de esperançosamente exigirem as mudanças em seu comportamento, não só por palavras, mas também pela ação, como se verifica no último capítulo: "Cristãos no movimento dos Barcharéis".

É oportuna, tremendamente oportuna, a leitura deste livro. Principalmente por aqueles que hoje estão engajados na pastoral dos jovens, lembrando-se que, talvez, a Ação Católica seja um dos principais pilares do apostolado leigo, não só pela sua atualidade, mas por sua fidelidade ao Espírito na leitura dos acontecimentos da história humana.

J. A. Ruiz

BALDUCCI, Ernesto: Siervos inútiles. Tradução do original italiano por Germán Mártel, (Col. Hinnení n.º 111), pp. 221, 19 x 12 cm, Ediciones Sígueme, Salamanca (Espanha), 1972.

A intenção de Balducci é clara: como ministro da palavra e sobretudo como irmão, apresentar com "a maior nitidez possível o sentido da própria missão na Igreja e na sociedade", num esforço de reencontrar, junto a irmãos no sacerdócio, a sua própria identidade, caso ela se tenha perdido.

Após ter tomado consciência da crise institucional da Igreja numa sociedade que se define cada vez mais por um viver radicalmente secularizado, procurando aí situar a religião religiosa como parte da constituição do ser-homem, o autor procura recolocar em sua reflexão o papel do sacerdócio ministerial, quase esquecido nos debates conciliares.

O P. Balducci procura e propõe uma nova imagem da Igreja, num processo transformador, no qual os sacerdotes têm um profundo compromisso. Rejeitada a concepção hierárquico-piramidal da Igreja como "instituição de salvação", re-

quer-se um desenvolvimento cada vez mais agudo da noção da Igreja, Sacramento de Cristo.

É aqui, segundo o autor, que se coloca a necessidade do encontro de um novo sentido dos ministérios, num profundo retorno do clero para o serviço à comunidade dos fiéis, manifesto principalmente no "servir à mesa" (eucaristia), como "ministro", não como "primeiro princípio" da Unidade a ser estabelecida pelo Senhor.

Primeiro sinal da visibilidade da Igreja, a Eucaristia é a liturgia, o sinal da alegria dos cristãos, dada pelo conhecimento de um Deus que intervém na história dos homens, sobretudo através da encarnação, morte e ressurreição de Jesus Cristo. É aqui que entra, em cheio, a Teologia da Cruz.

Numa época de "aflição messiânica", de fome, de injustiça, qual o significado deste ser ministro da alegria na unidade? Vida monacal e religiosa, segregação para o

Evangelho, tudo isto é visto sob uma nova luz, que insiste sobretudo no anúncio profético e no Serviço da Palavra, já que importa só ser "autênticos sinais da palavra, ao serviço da comunidade cristã, à qual compete globalmente a responsabilidade da palavra do Senhor, a fim de que ela realize o designio para o qual foi pronunciada

ab aeterno, isto é, o reino de Deus no qual todas as coisas se tornarão humildes e dóceis ao poder do Pai".

Balducci consegue plenamente seu intento. Redimensionar a tarefa sacerdotal a partir da Palavra de Deus que é manifestada no hoje de nossa história, e da Eucaristia celebrada pela Igreja.

J. A. Ruiz

USEROS, Manuel: *Christianos em la Vida Política*, (Coleção Septimo Sello n.º 8), pp. 223, 20 x 11 cm, Ediciones Sigueme, Salamanca (Espanha), 1971.

A dimensão "política" da teologia emergiu e se impôs desde quando o teólogo começou a olhar mais para o "futuro" cristão donde brilha, e se reflete no hoje, uma PROMESSA de Deus. Foi necessário porém que este futuro se despoje de sua estática certeza, baseada na imaginação mítica dos crentes, para tornar-se um futuro desafiante cujo horizonte e conteúdo são criados pelo próprio homem "apoiado por Deus até o engajamento último" (H. Küng, Congresso internacional de Bruxelas, 1970). Nesta mesma linha J. B. Metz pôde afirmar: "o que mais intimamente move o homem moderno não é o empenhamento em relação ao sobrenatural, mas o empenhamento em relação ao futuro" (Concilium, 1967/3, p. 156).

Uma compreensão da realidade assim orientada para o futuro, põe em segundo plano uma metafísica a-temporal e, se deve haver uma disciplina que dá a tônica nas reflexões dos cristãos, será menos uma filosofia teórica e mais uma filosofia prática que preferimos chamar de "política". Uma "teologia política" se dirige ao homem todo, apresentando-lhe uma Promessa divina, no sentido de que o cristão prove, diante da humanidade, a realização desta Promessa com sua atividade mundana. "É ELE, o Messias, ou devemos esperar por um outro?" parecem perguntar, ainda hoje, os homens aos cristãos. A resposta dos crentes não deverá

basear-se em ilustrações teóricas e sim em realizações práticas e eficientes.

É nesse clima teológico que aparece o livro "Cristianos em la vida política" de Manuel Useros, como autêntico fruto da estação atual, preocupado com que a Graça da hora atual não passe em vão. Sua redação está motivada, portanto, na convicção de que a dimensão individual e comunitária do cristão são insuficientes. O cristão não está diante apenas de sua existência ou dentro de sua comunidade de crentes, mas está situado numa "cidade secular" que é para ele o espaço de verificação de sua fé. O ponto mais delicado da verificação do Cristão está nisso: na construção da ordem social da Comunidade humana "à luz e na força de Jesus" (H. Küng, *ibid.*).

O subdesenvolvimento do Cristão não é medido pela pouca ou muita doutrina ou pelas respostas teoricamente exatas, e sim pelo seu real envolvimento e compromisso político. Neste sentido a dimensão secular do cristão não é um epifenômeno de sua história, mas é uma exigência essencial do amadurecimento de sua fé. A obra nasceu e se nutre constantemente do contexto sócio-político espanhol. De certa forma, isto é vantagem, sendo que, por contingências políticas de nosso país, é preferível falar à nora para a sogra entender.

Paulo Nosella

GARDAVSKY, Vitezslav: Dios no ha muerto del todo. Reflexiones de un marxista sobre la Biblia, la religion y el ateismo. Traduzido do alemão (4.^a ed.), sobre o original tcheco, por A. Garzón e J. Sobrinho, (Col. Septimo Sello n.º 13), pp. 260, 21 x 11,5 cm, Ediciones Sigueme, Salamanca (Espanha), 1972.

"Eu não acredito, embora isto seja absurdo". Com estas palavras começa Gardavsky o seu livro. É todo um programa do que virá no decorrer das 250 páginas seguintes. O autor, um pensador tchecoslovaco, profundamente engajado no marxismo militante, faz uma reflexão sobre a permanência do cristianismo em nossos dias, tanto dentro do capitalismo como dentro do socialismo. Constata que Deus ainda não morreu, que a religião perdura. E é exatamente por isso que o homem ainda não vive em plenitude. O autor se pergunta o porquê desta persistência de Deus na consciência dos homens.

Para poder responder, ele vai às raízes e estuda a gênese e o desenvolvimento do cristianismo: O Antigo Testamento, Jesus, S. Agostinho, S. Tomás, Pascal. É uma análise objetiva, sincera e profunda, embora breve, procurando descobrir sempre os valores positivos de todas as épocas e dos vários enfoques que o cristianismo foi tomando através da história, para assim, compreendê-lo melhor. Tanto é assim, que qualquer teólogo cristão poderia subscrever quase toda esta primeira parte do livro.

Numa segunda parte, o autor analisa o cristianismo contemporâneo, descobrindo duas tendências principais: uma que ele chama de tomista, encarnada sobretudo por Maritain e outra, aberta, encarnada sobretudo por Teilhard e K. Rahner. Compara-o com o marxismo e percebe que, ao contrário do que acontece no cristianismo, o problema da morte não tem resposta para o comunista. Ser comu-

nista é, pois, mais difícil que ser cristão, conclui. E, no entanto, o comunista não abandona o seu lugar. Por quê? Esta é a grande pergunta. Qual é o fundamento, a razão de ser do comunismo?

A terceira parte do livro trata de responder a esta incógnita e fazer uma autoreflexão do ateísmo. Sempre seguindo uma linha histórica, critica as diversas formas de ateísmo; na Ilustração burguesa, nas massas operárias e no socialismo. Percorre também os diversos tipos de ateísmo dentro da evolução do comunismo. Finalmente faz uma análise do ateísmo como metafísica do marxismo.

Para Gardavsky o ateísmo é o fundamento do marxismo, algo além de tudo, mais profundo que o próprio Deus. A fé bem entendida, nesse sentido aberto e construtivo que defende Rahner, é positiva; mas fica na metade do caminho. Não chega até o fundo. O livro apresenta uma reflexão profundamente humana, uma concepção do homem muito alta, como espírito que se autotranscende na ação. É pena que acabe no absurdo da ação pela ação e no desespero de uma morte que é pura destruição, maior quanto mais o homem se realizou na sua vida. O autor reconhece: o ateísmo não tem explicação, é absurdo.

Livro empolgante, sincero, muito rico e esclarecedor tanto para o crente como para o não crente. Merece ser lido.

José André Fayos Lloret

RATZINGER, Joseph Teologia e Historia. Notas sobre el dinamismo historico de la fé. Traduzido do original alemão por A. Caballos e I. Camacho. (Col. Verdad e Imagen n.º 22), pp. 178, 19 x 12 cm, Ediciones Sígueme, Salamanca (Espanha), 1972.

O problema da História pervade no dia de hoje todas as ciências e todos os problemas do homem. Também na Teologia a História entrou criando novos problemas e dando solução para outros. As Edições Sígueme reuniram neste pequeno volume seis artigos do teólogo alemão Joseph Ratzinger, que abordam este tema tão em evidência.

Em um estilo claro e conciso, o autor nos dá uma visão de alguns problemas mais prementes que a História coloca à Teologia e trata de dar algumas vias de solução, sem querer, porém, deixar a questão resolvida. Nos dois primeiros artigos o autor aborda o problema da tensão entre História e Ontologia, ser e devir, e as diversas correntes teológicas existentes cuja diversidade depende, em certo modo, das diversas soluções dadas a este problema. Uma excelente análise do problema da historicidade

dos dogmas é feita nos dois seguintes artigos, e finalmente, nos dois últimos se estuda a Patrologia e a Mariologia à luz dos problemas que a História levanta.

Ratzinger vai às raízes mais fundamentais do cristianismo, ao núcleo constitutivo da fé, para encontrar ali caminhos de solução aos problemas que a História coloca. A pregação apostólica de Cristo ressuscitado e o conceito de Tradição no cristianismo são elementos importantes nesta reflexão. Talvez o mérito maior deste livrinho seja o de ter conseguido dar em poucas páginas uma visão bastante clara e completa dos problemas que a História coloca à Teologia. Ele prima pela clareza. Não é nada fácil encontrar um escrito profundo e substancioso como este, e ao mesmo tempo numa linguagem simples e clara.

José André Fayos Lloret

RODRIGUEZ MEDINA, J. J.: Pedagogia de la Fe. Situación y contenidos de la catequética hoy, (Coleção Nueva Alianza n.º 37), pp. 475, 20 x 14 cm, Ediciones Sígueme, Salamanca (Espanha), 1972.

Um livro que certamente interessará a quantos estejam preocupados seriamente com o desafio da Pedagogia da Fé, que nossos tempos apresentam. O autor traz-nos um livro, dividido em três partes. A primeira, ele a chama de Introdução. Tenta uma situação da Teologia Pastoral e da Catequética dentro do Universo Teológico. Na Teologia Pastoral, encaixa a Teologia Profética, em cujo horizonte deparamos a Catequética, objeto de suas reflexões. Localizada, assim, o autor analisa, de modo exaustivo, a terminologia que se relaciona com Catequese. O próprio termo catequese, a pregação querigmática, homilética, didascália. Sobre tudo busca mostrar uma relação en-

tre Teologia e Catequese, chegando a apontar a necessidade de ter presente um ponto importante: há uma relação entre os métodos catequéticos e conjuntura histórico-cultural-religiosa. Chama, pois, atenção para um renovar metodológico da catequese de hoje.

Numa segunda parte, constitui seu campo de pesquisa a natureza, o objeto, o conteúdo e linguagem da catequese. Hoje "La catequesis se entiende como servicio a la fe, despertarla, persuadir para alcanzar la fe, formación religiosa" (p. 106). Por este motivo, realiza uma análise detalhada da Fé na Bíblia e na Teologia. Colocando-se perante Jesus Cristo-Palavra, propõe uma definição de Catequese como

ação eclesial que conduz à fé viva. Sendo uma condução à fé, a pergunta subsequente cai no domínio da Pedagogia da Fé. Não se trata de uma Palavra, ou de palavras. Trata-se de uma Pessoa-Palavra. Como resultado desta constatação, discute-se o dinamismo da proposta e resposta, as condições para esta dialogicidade se efetuar: o homem que se coloca todo nas mãos de Deus, sua vida que é esclarecida, iluminada, pela revelação de Deus em Jesus Cristo, a abertura do homem aos outros e ao mundo. Falando deste diálogo Jesus-cada um de nós, o autor mostra qual o conteúdo deste anúncio: o mistério de Deus, manifestado na pessoa do Verbo, e que a Bíblia conserva de forma modelar. Mas não basta discutir a natureza e o conteúdo! Hoje é preciso discutir sobretudo a linguagem da Pedagogia Evangélica. Porque Deus precisa ser uma boa-nova para os homens de hoje. O autor propõe, deste modo, uma harmonia da linguagem bíblica, doutrinária e litúrgica, bem como dos fatos da vida. O ponto de partida terá de ser a experiência da vida, e daí se chegará às outras linguagens, como expressão de vida em outros momentos da vivência da mesma fé. Nelas, pois, deve encontrar-se a seiva da vida!

Na III parte, com agudeza, o autor analisa, no processo da pedagogia da fé, algumas leis, imperativos necessários à consecução do objetivo. A fé como experiência da vida do homem: por conseguinte, a catequese que deve encarnar-se nas realidades cotidianas deste homem, na sua vivência pessoal. A catequese que precisa ter como ponto-de-referência contínua a Palavra de Deus, e proclamá-la. Assim, Jesus Cristo se transforma no centro da atividade pedagógica da fé. De outro lado, a catequese busca unificar os catequisandos, colocando a revelação e seus elementos componentes dentro de um contexto harmônico, na construção de sua personalidade. Discute-se aqui a apologética, os dogmas, a espiritualidade e suas expressões variadas, a tal ponto que possa resultar um credo de nossa fé compatível

com nossos dias. Como a fé é uma atitude — posição — perante o Deus que interpela, a catequese não pode deixar de identificar o diálogo entre Deus e o crente. E qual é a linguagem deste diálogo? Uma linguagem original e matizada diferentemente segundo as etapas da própria pedagogia da fé, condicionada pelo momento histórico. Como uma síntese, tendo em vista que "el hombre construye en cierto modo la naturaleza a su medida, el mundo es obra de sus manos, su propia hechura e imagen; es el antropocentrismo que tanto caracteriza a nuestra época...; hemos pasado de la concepción cosmocéntrica a la antropocéntrica de la realidad...; el hombre tiene conciencia aguda y embriagadora de su libertad-creadora y de su responsabilidad en el universo (p. 414-415): as diversas atuações do homem devem ser vistas como a presença da atividade de Deus, que não robotiza ninguém. Por isso o próprio Deus é conhecido na sua unidade nunca plenamente epifanizada. O resultado é que a catequese não esgota o mistério de Deus, mas aproxima-se dele de modo crescente, causando a sensação da inabarcabilidade do Deus de Jesus Cristo. Por isso o autor discute a lei da fé e da religiosidade, exigindo sua diferenciação e coordenação, insistindo numa fé que liberte da "religião", mesmo quando se expresse religiosamente.

Um ponto positivo neste livro é a serenidade com que se discute a temática na linha dos princípios, com conhecimento da História da Fé nestes 20 séculos de Igreja. Outro é o conjunto de sugestões e referências pastorais e bibliográficas que cada capítulo apresenta. É um livro, pois, que precisa ser lido pelos Pedagogos da Fé. Não como uma receita mágica. Porém, como uma contribuição serena de quem se acha questionado pela situação nova, e experimenta a tensão de BUSCA. Os que estiverem nesta disposição, lendo o livro, têm chances de serem auxiliados neste caminhar, com lucidez.

José Carvalho

GIRARDI, Jules: Amor Cristiano y Luchas de Clases. Traduzido do original italiano por J. L. Sandoval, (Col. Septimo Sello n.º 9), pp. 102, 20,5 x 11 cm, Ediciones Sigueme, Salamanca, (Espanha), 1971.

"Ama-se o oprimido defendendo-o e libertando-o. O opressor, acusando-o e combatendo-o. Isto é um imperativo indissociável do mandamento do amor".

Jules Girardi, neste livro, aborda o problema angustiante que questiona a muitos homens de hoje particularmente do terceiro mundo. A luta de classes é compatível com o amor cristão? Quando, e até que ponto o amor cristão impele e exige uma participação decisiva nesta luta? Estas e muitas outras questões envolventes são abordadas pelo autor com seriedade, competência e coragem.

Já no prólogo José M. Díez-Alegria faz uma distinção muito oportuna e clara entre a esperança histórica e a esperança escatológica. Os dois conceitos são distintos mas vivenciados num ato que é a vida do homem. "O cristianismo, por força de sua esperança cristã, acaba irrenunciavelmente aberto à esperança histórica, fortalecido contra a tentação de renunciar à esperança histórica".

Na elaboração do tema acrescenta Girardi: "Perceber esta união histórica entre amor e luta, nas novas formas impostas pela nossa época, é uma das componentes es-

senciais de uma consciência revolucionária".

A abertura da Igreja ao mundo não pode significar apenas o reconhecimento de seus valores, uma inserção ditada pela política de adaptação, mas também a denúncia corajosa de seus desvalores. A missão profética do cristianismo impõe-lhe arrancar as máscaras mais ou menos legais, mais ou menos "religiosas", que no decorrer do tempo vem assumindo o pecado do mundo. O amor cristão deve ser transformador. A consciência cristã não aceita a divisão de classes como legítima e fatal, mas também se nega a considerar como normal a condição de escravidão e de alienação, porque já descobriu a liberdade como um direito e um dever.

O imobilismo, a falsa prudência são imperdoáveis. Estamos sendo chamados para a criação, a esperança, o risco e o compromisso na construção de uma terra nova. Esta consciência faz parte da visão dinâmica do nosso sentido de historicidade. Não é isso também uma consequência da pregação de Cristo e do desejo mais profundo que todo ser humano acalenta no seu íntimo?

Raimundo Kroth

METZ, Johann Baptist: Antropocentrismo Cristiano. Sobre la forma de pensamiento de Tomás de Aquino, tradução do original alemão de Ignacio Aizpurua, (Coleção "Verdad e Imagen" n.º 23), pp. 167, 19 x 12 cm, Ediciones Sigueme, Salamanca, (Espanha), 1972.

Esta obra de Metz, publicada no original alemão em 1962, pertence à primeira fase do seu pensamento teológico. O próprio Metz faz questão de acentuar que a "Christliche Anthropozentrik" é meramente dissertação de láurea, feita sob a orientação de Karl Rahner, e portanto de há dez anos, velha e ultrapassada e que não tem nada a ver com a Teologia Política, nascida bem depois.

A obra está centrada no pensamento e obra de S. Tomás de Aquino, que é abordado a partir do método histórico interpretativo. Isto significa a instauração de um diálogo histórico com o pensamento tomasiano. A leitura do passado é a confrontação de um interesse ou enunciado presente com o texto histórico, que lançará nova luz sobre nossa atualidade. Toda leitura do passado é uma interpretação do

mesmo. Não há possibilidade de objetividade pura, nunca se atingirá o pensar de S. Tomás como foi no seu tempo, mas somente enquanto relacionado com o pensar do presente, de hoje. E esta interpretação de S. Tomás se dá nas categorias da filosofia e teologia transcendental. Na idade moderna se deu uma mudança substancial em relação à idade média: passagem de uma estrutura mental dominada por um pensamento naturalista a outra definida a partir da subjetividade. E exatamente esta passagem é situada no pensamento de S. Tomás: a partir da distinção entre "forma de pensamento" e "conteúdo" do mesmo. Metz mostra que os conteúdos do pensamento de S. Tomás são medievais, mas estruturados a partir de um arquétipo conceitual original: não no *cosmocentrismo* medieval e sim a partir do *antropocentrismo*. Depois de ter a chave de compreensão do pensamento tomasiano, o autor passa a analisar os conceitos fundamentais como: O ser; a individualidade; a substância; o mundo; Deus; a graça.

Metz afirma que o enfoque antropológico do pensamento tomasiano se deve fundamentalmente à prioridade bíblica do mesmo, de tal forma que desvia a hegemonia helênica que condicionava a teologia numa direção cosmocêntrica. Portanto, a influência bíblica em Tomás constitui a base da subje-

tividade que caracteriza a época moderna. E Metz interpreta a época moderna transcendentalmente, mostrando que o pensamento tomasiano é a configuração epocal de uma nova forma de pensamento e que a época moderna se constitui enquanto realização categorial da forma de pensamento tomasiano-cristã. E em Tomás que o logos do cristianismo se auto-expressa filosoficamente, como forma de pensamento, no "antropocentrismo cristão", e este contém em si o "a priori" que permite sua integração com a essência do pensamento moderno.

Cabe-nos perguntar que valor tem ainda a leitura desta obra que o próprio autor considera ultrapassada. Evidentemente que a obra tem seu valor. Primeiramente como compreensão da evolução do pensamento de Metz é indispensável. Sem esta obra certamente Metz não teria chegado à sua "Teologia Política". Em segundo lugar vale a pena ler a obra não tanto no nível de informação teológica, mas sob o aspecto metodológico — o que significa fazer teologia: assimilar criticamente o passado em função das necessidades e questões presentes, isto é, estabelecer um verdadeiro diálogo com a história da teologia. Concluindo, podemos dizer que estes dois motivos são suficientemente fortes para que se leia esta obra.

Mario Fleig

SPEAIGHT, Robert: Teilhard de Chardin. Biografia, traduzida do original inglês para o espanhol por Bernardo Bravo, pp. 568, 19 x 12,5 cm, Editorial "Sal Terrae", Santander (Espanha), 1972.

Jamais acreditei que uma biografia pudesse ser fiel, sem que o autor tenha convivido com aquele sobre o qual escreve. Justamente Valensin foi quem exerceu influência decisiva em Teilhard e por isso mesmo, não poderia ter sido menos conhecido.

Esta obra é indispensável, não apenas à faixa dos especialistas e

estudiosos, mas a todo o homem que queira inteirar-se das grandes linhas do pensamento (filosófico, científico e teológico), embora Teilhard como filósofo tenha sido, como ele mesmo fala, 'elefante nos jardins da escolástica'. Teilhard não pretendeu ser teólogo. Foi antes um eclético consciente, que desistematizou esquemas montados,

para o bem dos homens, como grande humanista que era e continua sendo.

O biógrafo pretende "um resumo e desenvolvimento ordenado de seu pensamento, ao mesmo tempo que colocá-lo em relação com a história de sua vida" (p. 10), o que ele conseguiu levar a um muito bom resultado. Desligar o pensar, da vida concreta de quem pensou, da história sócio-cultural envolvente, provoca uma ruptura e um esvaziamento. É determinante e indispensável situar bem o nó de

relações — sem esquecer que a rede destas relações e o envolvimento de situações-existências, engendra e formula novas formas de pensar e ser na história. A todas estas assertivas o biógrafo respondeu adequadamente.

Enfim, mais nada do que para-benizar a feliz iniciativa de Bernardo Bravo, por colocar à disposição dos leitores na língua dos latinos esta indispensável marca na história do desenvolvimento do pensar teilhardiano.

Darci Luiz Pivetta

RAHNER, Karl — RATZINGER Joseph, *Revelación y Tradición*, versão espanhola de Daniel Ruiz Bueno, (Coleção "Quaestiones Disputatae" n.º 7), pp. 77, 21 x 14 cm, Editorial Herder, Barcelona, 1971.

As páginas 11-26 trazem as "Observações sobre o conceito de Revelação" de K. Rahner. Apresentou-as no congresso do "J. A. Möhler-Institut" de Paderborn, 28-3-1963. O texto reelaborado constituiu a aula inaugural de 28-6-1963 na Universidade de Münster. Rahner, teólogo conciliar, aborda o tema da REVELAÇÃO, de modo especulativo, aliando o aspeto imanentista ou transcendental dela (de algum modo insinuado pelo modernismo) ao aspeto categorial, algo extrínseco da conceituação clássica, corrigido por Dei Verbum, nn. 2-4. O assunto foi um dos temas centrais do Concílio Vaticano II.

Se as "Observações" são anteriores ao Concílio, nada perdem de seu valor, antes ganham, pois explicam com luminosidade própria só de Rahner, fundamentam e aprofundam o conceito conciliar da D. V. sobre Revelação.

Nas pp. 27-76 J. Ratzinger apresenta um "ensaio sobre o conceito de TRADIÇÃO". Divide-o em duas secções. Na primeira analisa o conceito de Tradição. Começa com a exposição do problema (transmissão da revelação), problema que cindiu até hoje em dois campos os cristãos ocidentais, por ocasião da Reforma e do Concílio de Trento e afeta o conceito mesmo de Igreja. J. R. Geiselmann com "Sagrada Es-

critura e Tradição", estuda o mais importante do lado católico, tentou chegar a uma nova visão do problema da Tradição, para superar posições unilaterais contra-reformistas. Representam seus estudos verdadeiro progresso objetivo e foram frutuozos nas deliberações do Vaticano II.

Mas merece vários reparos a tese dele da "suficiência da Escritura" da parte de Ratzinger (35), pois não resolve o problema "Escritura e Tradição", a menos que não se dilate para a questão de "Revelação e Tradição" nem corresponde às idéias diretrizes que se impuseram nos debates tridentinos (71). Disto trata o autor no seguinte parágrafo com sua tese acerca da relação entre revelação e tradição. Revelação, por significar todo falar e agir de Deus com os homens, transcende a Escritura, a qual dá notícia da realidade da revelação, tendo-se a distinguir bem o A. T. do N. T. desde que os escritos neotestamentários só entendem por Escritura ao A. T. (39, 41), gramma, enquanto o N. T. é o "instrumento para abrir o A. T." no espaço aberto do acontecer de Cristo, revelação de Deus, presente na fé e na Igreja. A explicação da realidade de Cristo realiza-se pela pregação, contida na exposição do A. T. e na do N. T. ou na exposição

do acontecimento de Cristo. Assim há, além de teologia veterotestamentária do A. T., da teologia neotestamentária do A. T., da teologia neotestamentária do N. T., uma teologia eclesiástica do N. T. que chamamos de dogmática. E esta se designa de TRADIÇÃO: processo de exposição eclesiástica do transmitido (47-48), sempre, porém, exposição segundo a Escritura.

Na segunda seção (pp. 54ss) interpreta Ratzinger o decreto tridentino sobre a Tradição. Examina o conteúdo do conceito pneumatológico de Tradição no tocante ao esquema do Cardeal Cervini e sua repercussão nas diversas determinações do Concílio e na própria redação final; a união de tradição e vida eclesial nas intervenções da discussão tridentina que parece lembram certo suposto histericismo (63); a inclusão das "traditiones ad fidem pertinentes" na conceitualização de tradição. Expõe enfim o sen-

tido do decreto de Trento sobre Tradição, i. é, do texto definitivo (70), compromisso entre três concepções teológicas distintas: pneumatológica, "ceremonial", dogmática (63) [Cf. D. (ed. 27.^a) 783 ou D. (ed. 33.^a) 1501].

Concluimos com o autor, à luz do ensaio: "Este decreto oferece testemunho muito mais rico do que aquele que se gravou na consciência dos séculos seguintes. O trabalho teológico atual, partindo de suas novas situações, pode receber dele nova fecundidade, confirmação na busca e orientação no caminho a seguir" (74).

Lendo-se o capítulo II da Dei Verbum: Transmissão da Revelação (nn. 7-10), parece, verificamos o conceito de Tradição que Ratzinger captou no sentido do decreto tridentino e tentou expor nas páginas precedentes de seu ensaio.

R. A. Braun

TÜCHLE, Germano com a colaboração de **BOUMAN**, C. A.: **Reforma e Contra-Reforma**. Vol. III de **Nova História da Igreja**, sob a direção de L. J. Rogier, R. Aubert, M. D. Knowles. Traduzido do original alemão por Waldomiro Pires Martins, pp. 531, 24 x 17 cm, Editora Vozes Ltda., Petrópolis, RJ, 1971.

ROGIER, L. J. e **DE BERTIER DE SAUVIGNY**, J. com a colaboração de **HAJJAR**, Joseph: **Século das Luzes, Revoluções, Restaurações**. Vol. IV de **Nova História da Igreja**, sob a direção de L. J. Rogier, R. Aubert, M. D. Knowles. Tradução de Leonardo P. Smeele, pp. 475, 24 x 17 cm, Editora Vozes Ltda., Petrópolis, RJ, 1971.

A Editora Vozes Ltda. está de parabéns pela publicação de mais estes dois volumes da **Nova História da Igreja**, obra que se vai impondo com muita aceitação na Europa e no resto do mundo. Agora, com a sua publicação em língua portuguesa, também os leitores brasileiros poderão haurir maiores conhecimentos desta obra planejada em 5 volumes, dos quais já foram traduzidos para o português os volumes I, III, IV. Na introdução ao primeiro volume R. Aubert justifica o título "**Nova História da Igreja**". Ela é nova tanto no método como no seu objetivo,

considerando a História da Igreja não apenas no aspeto da hierarquia e de sua relação com os imperadores, reis e príncipes, mas focalizando também o laicato, procurando ser uma História de todo o povo de Deus.

Os fatos históricos são estudados sem intenção apologista. Apresenta-se a vida da Igreja como ela foi vivida nos quase dois mil anos de existência com seu lado positivo, sem porém, esconder o que houve de menos edificante. Estudam-se as relações externas da Igreja com a sociedade, mas sobretudo procura-se dar maior importância a seu

dinamismo interno. Objeto de estudo não é apenas a "Grande Igreja" identificada com a igreja romana, mas na medida do possível, consideram-se também as "pequenas igrejas" ou grupos cristãos, valorizando os seus aspetos positivos sem cair num falso irenismo, que talvez sacrificaria a verdade.

O vol. III, *Reforma e Contra-Reforma*, é todo ele consagrado ao estudo da Reforma e da assim chamada Contra-Reforma, abrangendo os séculos XVI, XVII e inícios do século XVIII. Com exceção dos dois últimos capítulos o livro é da autoria do Dr. Germano Tüchle, renomado historiador da Igreja, professor titular da Universidade de Munique. O livro inicia com 12 páginas sobre a Espanha e seu rumo para a Igreja Universal, no que os manuais tradicionais da História da Igreja se mostravam geralmente omissos. A seguir examina-se a crise nas vésperas da Reforma Protestante (cap. II); a reforma protestante como obra pessoal de Lutero e como destino da Europa (cap. III); a resposta e revidé, as novas forças e o Concílio de Trento (cap. IV); no espírito do Tridentino: reforma interna da Igreja e ativo contra-ataque (Contra-Reforma) (cap. V); efeitos remotos da dissidência religiosa na época do absolutismo, surto da religião e bulhas teológicas, tentativas de união (cap. VI); nova vitalidade da Igreja: missão mundial, conversões, conformação barroca do mundo (cap. VII); germes de secularização, realismo absoluto e nova filosofia (cap. VIII).

Os dois últimos capítulos (IX-X) são da autoria de C. A. Bouman, e estudam as igrejas orientais após a queda de Constantinopla (1453): as igrejas calcedônias no império otomano (cap. IX); as igrejas de rito bizantino entre os eslavos do oriente (cap. X). Os acontecimentos históricos desses duzentos e poucos anos compreendidos neste volume são muito numerosos, mas foram bem apresentados pelos autores deste livro.

A título de contribuição para uma segunda edição fazemos as se-

guintes observações: os dois missionários franciscanos (p. 15), protomártires do Brasil, trucidados pelos tupiniquins, não vieram ao Brasil em 1503, mas provavelmente por volta de 1516. Este equívoco é bem justificável num autor europeu, uma vez que os próprios historiadores brasileiros divergem neste particular. Outro reparo: Inácio de Loyola e João Calvino provavelmente nunca se conheceram pessoalmente, como se lê à página 134. No entanto, à página 90 G. Tüchle escreve que eles teriam vivido por algum tempo debaixo do mesmo teto em Orléans e Bourges. Neste caso eles se deveriam ter conhecido, o que porém, parece muito improvável. As notas tanto do autor como do tradutor encontram-se no fim do livro. Teria sido bem melhor se estivessem no rodapé das respectivas páginas para facilitar a sua leitura.

Muito para louvar são os mapas ilustrativos — em número de 14 — que facilitam a localização e a melhor compreensão dos acontecimentos da História. Igualmente devem ser louvadas as tabelas cronológicas que ajudam a situar os fatos políticos e os acontecimentos da História da Igreja dentro da sua justa cronologia.

Vol. IV: *Século das Luzes, Revoluções, Restaurações*. Este volume estuda um século e meio da História da Igreja (1715-1848), e é elaborado por três especialistas na matéria: L. J. Rogier (Nimega) para o século das luzes (1715-1800), J. de Bertier de Sauvigny (Paris) para a Restauração (1800-1848), e J. Hajjar (Jerusalém) para as igrejas do oriente próximo (1715-1800; 1800-1848).

A matéria é dividida em duas partes: I — O século das luzes e a Revolução (1715-1800): Religião e Iluminismo (cap. I); A Santa Sé no século XVIII (cap. II); A revolução episcopaliana (cap. III); Doutrina e Vida (cap. IV); O Iluminismo Católico (cap. V); A Igreja e a Revolução (cap. VI); A diáspora europeia (cap. VII); O hemisfério ocidental (cap. VIII); A Igreja no oriente próximo, 1715-

1800 (cap. IX). A II parte trata da Restauração (1800-1848): O Papa e o Imperador (cap. I); O Papado e o Estado Pontifício de 1814 a 1846 (cap. II); A França e os países latinos (cap. III); A Europa do norte e as ilhas britânicas (cap. IV); A Europa Central e a Oriental (cap. V); A Igreja nas duas Américas (cap. VI); O pensamento católico de 1800 a 1846 (cap. VII); O despertar das forças espirituais (cap. VIII); A Igreja no Oriente Próximo (cap. IX).

Em todo o período deste IV volume vemos que a Igreja se encontra em choque com o surgir das idéias novas, tanto na filosofia como nas ciências, ocasionando verdadeiras crises internas e externas no organismo eclesiástico. Revoluções e tentativas de restaurações se revezam continuamente nestes 150 anos. Os AA. sabem apresentar a matéria de modo agradável, de sorte que o livro pode ser lido com muito interesse. Os 15 mapas ilustrativos dentro do texto favorecem

a correta inteção dos fatos dentro do seu ambiente geográfico. As tabelas cronológicas em anexo no fim do livro dão uma síntese compreensiva de todo o período, tanto dos fatos da História da Igreja como das ocorrências políticas. Muito valioso é o elenco de bibliografia no fim do livro. O índice analítico facilita uma busca rápida de fatos, lugares e nomes dentro do período deste IV volume. Como já o fizemos no III volume, assim também lamentamos neste a ausência de notas no rodapé das páginas. As anotações vêm em anexo no fim do livro. Como a obra não se destina a especialistas, e como ela pretende ser uma obra de divulgação, embora muito séria e muito exata, ela dispensa o acúmulo de notas e citações, que nós, mesmo assim, gostaríamos de ver mais abundantes. O livro recomenda-se a todos os que desejam ter uma visão nova da História da Igreja.

Herbert E. Wetzel

GALACHE, G. — ANDRÉ, M.: Brasil Processo e Integração. Estudos de Problemas Brasileiros, pp. 414, 26 x 16 cm, Edições Loyola, São Paulo, 1972.

Dentro da série "Livros Didáticos Loyola" iniciada em 1971, as Edições Loyola lançaram este novo livro que apresenta, em organização original, os pontos do programa oficial da Educação Moral e Cívica (para o Curso Colegial) e de Estudo de Problemas Brasileiros (para o nível superior).

A principal característica da obra consiste na sistematização original dos temas dos programas oficiais, que aparecem reagrupados nos seguintes quatro processos: processo cultural, processo social, processo político e processo econômico. Nas quatro partes do livro, correspondentes a estes quatro processos, estão tratados os mais importantes problemas brasileiros. O livro tem 35 capítulos, com uma média de 11 páginas por capítulo, seguidos de sugestões de temas para debate e reflexão e de bibliografia específica sobre o tema tratado.

Entre os temas se destacam, na 1.^a parte: a formação étnico-cultural do homem brasileiro; a aculturação nacional e internacional através dos meios de comunicação social; um sumário da nossa vida artística e três capítulos sobre a educação brasileira. Na 2.^a parte: o problema demográfico brasileiro; saúde e alimentação; política habitacional e previdência social; direitos humanos e sua inserção na legislação e vida brasileira. Na 3.^a parte: uma (notável!) análise do sistema político brasileiro, no contexto internacional (latino-americano, dos órgãos internacionais e da nossa política externa) e no contexto nacional: regime político brasileiro, tensões ideológicas e ideologia política vigente. Na 4.^a parte: análise do sistema econômico brasileiro; industrialização, setor agrário, desenvolvimento e integração econômica, desequilíbrios regionais, mercado de traba-

lho, análises da nossa infra-estrutura e, por fim, o planejamento e a programação econômica. O primeiro capítulo introduz o leitor nas bases da vida social. À cada parte do livro precede uma introdução especial, que explicita a lógica na sequência dos capítulos, criando no leitor a imagem de um todo integrado.

Trata-se, sem favor nenhum, do melhor livro existente no mercado sobre a matéria. Dizemo-lo, depois de termos lido tudo o que apareceu neste setor e depois de termos elaborado o nosso próprio texto para esta disciplina. O livro é notável antes de tudo pelas suas qualidades didáticas: objetividade, método e sistematização, homogeneidade de análise e interpretação, incentivo à análise crítica por parte do leitor e sugestões para ulterior pesquisa. Notável também quanto ao conteúdo: abordando todos os aspectos importantes da vida nacional, os autores contudo não se alongam na citação de fatos e estatísticas, de obtenção fácil em outras fontes e de rápida obsolescência, mas oferecem esquemas de análise e de interpretação da realidade visando a descoberta de relações causais, de consequências ou tendências emergentes. Nem se perdem os autores num sociologismo pseudo-científico nem no moralismo incolor de um vago humanismo, observado em outros textos, mas adotam decididamente a visão valorativa de um humanismo cristão.

O livro inova ainda quanto à ordem de apresentação dos temas, iniciando com a análise do processo cultural e terminando com a do processo econômico (o que parece decorrer da intenção de dar uma interpretação do tipo espiritualista ao processo histórico-cultural).

Aos autores, G. Galache e M. André — o primeiro já conhecido pela publicação de diversas obras no setor — cabe o mérito de terem re-elaborado e fundido numa unida-

de as diversas contribuições de um grupo de especialistas-colaboradores, sem contudo eliminar o cunho pessoal de muitas das contribuições.

O nosso principal reparo se refere ao fato de os autores tentarem abranger num único livro dois níveis distintos, o colegial e o universitário, com o risco de sofrer restrições de ambos os lados. O livro, que é de caráter didático, nos parece estar acima da capacidade de compreensão da maioria dos alunos dos nossos colégios, haja visto o enquadramento sociológico e econômico que supõe. Se, no entanto, como é de se esperar, os bons colégios o adotarem, as universidades não quererão adotar o mesmo livro que seus alunos talvez já tenham usado no nível médio. Infelizmente ou não, há entre os professores do nível superior (que acompanham nisto uma tendência dos alunos) a tendência a rejeitar tudo que sabe a nível médio, mesmo de 2.º ciclo, talvez por considerarem-no não condizente com o seu status acadêmico. Todo o esforço para eliminar barreiras artificiais e de preconceitos entre o nível médio e superior nos parece digno de elogios. Mas tampouco julgamos recomendável, sob o ponto de vista didático, a tentativa de abranger, por um mesmo texto, níveis que em condições normais, correspondem a grupos de idade e a experiências de vida bastante distintos.

Fica, pois, com o elogio sem restrições à excelente qualidade desta obra, de agradável leitura e bela apresentação gráfica, a sugestão de, num próximo futuro, criar um texto especificamente para o nível colegial, eliminando no presente texto o que não pertence ao programa de nível superior. Estamos certos de que o livro terá a mais ampla e favorável acolhida, não em último lugar pelo preço realmente acessível para um livro de 414 páginas (Cr\$ 20,00).

Matias Martinho Lenz, SJ.

Petry, Almiro, Schneider, Odelso e Lenz, Matias Martinho.
Realidade Brasileira — Estudo de Problemas Brasileiros.
pp. 418, 16 x 23 cm, Edições EMMA — Universidade do
Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 1972.

Em meio ao otimismo que marca o momento atual da nossa história, torna-se indispensável insistir na lucidez das análises da realidade nacional. Quando ouvimos do próprio Senhor Presidente da República a confissão de que... "a economia brasileira vai bem, mas o povo brasileiro não vai bem", tomamos consciência da importância dum estudo objetivo, sistemático e crítico dos problemas brasileiros.

O texto publicado pelos professores Petry, Schneider e Lenz pretende ser uma tentativa séria de análise do nosso desenvolvimento, no contexto do mundo subdesenvolvido do qual, queiramos ou não, fazemos parte. Propõe valores e objetivos a serem realizados num processo de desenvolvimento integral, e examina as distâncias que ainda nos separam dos objetivos desejados de crescimento com desenvolvimento e autêntico progresso. Não se omite em propor algumas soluções ou sugerir alternativas de ação e atitudes de participação responsável.

O índice abrange dez capítulos. O primeiro introduz o leitor na problemática mundial do desenvolvimento e subdesenvolvimento, que hoje constitui o desafio mais dramático para a humanidade. Seguem análises dos mais importantes setores da vida nacional: economia brasileira, a questão demográfica, realidade política e segurança nacional, realidade social, o problema educacional, ciência e tecnologia, religião e desenvolvimento, realidade cultural.

A matéria exposta cobre o programa oficial da disciplina de "Estudos de Problemas Brasileiros". Escrito para o nível superior, não repete questões tratadas no nível médio. O texto, rico em tabelas e ilustrações, está atualizado até fe-

vereiro de 1972. No final apresenta uma bibliografia geral completa de 122 títulos.

O livro com capa em três cores e bela apresentação, foi impresso em "offset" pela Editora Meridional EMMA, S. A., de Porto Alegre. Para um volume de 418 páginas, o preço é considerado acessível à bolsa do aluno e do público em geral (Cr\$ 20,00), podendo ser obtido por reembolso postal, junto à gráfica da UNISINOS (Praça Tiradentes, 35, São Leopoldo, RS).

O livro prima pela atualidade e riqueza de informações (dados do Censo de 1970). Os autores não se preocuparam tanto em elogiar méritos e exaltar virtudes de quem quer que seja. Levam-nos, pelo fio condutor da problemática do desenvolvimento & subdesenvolvimento, ao diagnóstico à análise dos nossos problemas e à formulação de modelos alternativos, como aproximações sucessivas ao ideal do desenvolvimento integral, aliado nos valores da filosofia social cristã.

Em se tratando de um livro de fins didáticos, talvez fosse recomendável a subdivisão da matéria em um maior número de capítulos.

Os autores são professores na UNISINOS, na área de ciências políticas e sociais e membros pesquisadores do Centro de Documentação e Pesquisa da mesma Universidade, com curso de pós-graduação nas suas respectivas áreas (dois com cursos no exterior).

O livro se recomenda não só para fins didáticos (Disciplina de Estudo de Problemas Brasileiros, em nível superior), mas a todos os interessados em uma análise crítica construtiva do desenvolvimento nacional.

Herbert E. Wetzel